



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOEL PEDRO SILVA VALENTE**

**A MÚSICA AO SERVIÇO DA FÉ**

**Estudo sobre o pensamento de Joseph Ratzinger/Bento XVI**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Prof. Doutor João Manuel Correia Duque**

**Braga**  
**2015**

“No mar vivem os peixes e calam-se;  
na terra, os animais gritam;  
mas os pássaros,  
cujo espaço vital é o céu,  
cantam.”<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> J. RATZINGER, *Liturgia e música sacra*, in NRMS, 39, 5.

## Siglário

<b>AAS</b>	<i>Acta Apostolicae Sedis</i>
<b>CaIC</b>	Catecismo da Igreja Católica
<b>CV</b>	Encíclica <i>Caritas in Veritate</i>
<b>MS</b>	<i>Instructio de Musicam in Sacram Liturgia</i>
<b>NRMS</b>	Nova Revista de Música Sacra
<b>PF</b>	Carta Apostólica <i>Porta Fidei</i>
<b>PL</b>	MIGNE, Patrologia Latina
<b>SC</b>	VATICANO II, Constituição <i>Sacrosanctum Concilium</i>
<b>SCa</b>	Exortação Apostólica <i>Sacramentum Caritatis</i>
<b>SNL</b>	Secretariado Nacional de Liturgia
<b>VD</b>	Exortação Apostólica <i>Verbum Domini</i>

# Índice

Siglário .....	3
Introdução.....	5
1. – Joseph Ratzinger e a arte da Liturgia .....	8
1.1 – A decisiva ligação entre música e liturgia .....	8
1.2 - Possibilidades e limites da inculturação .....	17
1.3 - A música litúrgica como expressão do Logos .....	20
2. Da música ao mistério, do mistério à música – a linguagem de Bento XVI.....	23
2.1 – A linguagem universal da Música .....	23
2.1.1- O vínculo entre música e oração.....	23
2.1.2 – Veículo de encontro e conhecimento .....	27
2.1.3 – Uma forma de contemplação .....	34
2.2 – Expressão da fé.....	36
2.2.1-Ressonância da criação .....	36
2.2.2-O canto do “Magnificat” .....	40
2.2.3-A verdade através da beleza .....	42
2.3 – Importância da música sacra .....	46
2.3.1 – Um “ascensor” para Deus.....	46
2.3.2-Alguns dados da história .....	49
Conclusão .....	68
Bibliografia.....	73

## Introdução

O ponto de partida deste trabalho é uma convicção: “A tradição musical da Igreja universal constitui um tesouro de valor inestimável que se destaca entre as demais expressões de arte, principalmente porque o canto sacro, ligado às palavras, é parte necessária ou integrante da liturgia solene.”<sup>2</sup>

Sendo a Liturgia “a ação da Igreja em que se torna presente Cristo, isto é, a ação salvífica de Cristo na Igreja, assumindo a fisionomia de ação ritual.”<sup>3</sup> A liturgia é expressão da presença de Cristo que se torna Emanuel em sinais visíveis, operando uma graça invisível.

Pela liturgia, Cristo, nosso Redentor e sumo sacerdote, permanece na Sua Igreja, e, com ela e por ela, realiza a obra de nossa redenção.

A ação litúrgica tem um duplo movimento: um anabático e outro catabático. Por um lado, faz subir para Deus a prece de adoração e súplica da Igreja; por outro lado, faz descer sobre a Igreja e os seus membros as graças da redenção.<sup>4</sup>

Para uma boa e bela celebração litúrgica, ensina-nos o Concílio Vaticano II ser necessária uma maior participação dos fiéis nos vários serviços litúrgicos: na proclamação da Palavra, no serviço de acólitos, na música e no canto, entre outros.

A música, que é parte integrante da liturgia, é uma das expressões mais vivas do Homem. Com ela todos os sentidos vibram, fomentando uma harmonização entre si.

Ao longo da história da Igreja muitos foram aqueles que dedicaram a sua vida à música litúrgica, em prol da fé. É precisamente neste sentido que pretendo desenvolver uma breve reflexão acerca da música que imprescindivelmente está incorporada na liturgia. A música é abarcada pela liturgia para a finalidade que lhe é própria: favorecer a participação dos fiéis e ser mote de louvor e oração nas celebrações.

---

<sup>2</sup> CaIC, 1156.

<sup>3</sup> J. M. CORDEIRO, *Liturgia, a primeira escola da fé*, 7.

<sup>4</sup> Cf. A. G. MARTIMORT, *A Igreja em Oração. Introdução à liturgia*, 8.

“Frequentemente a Igreja interveio no domínio da música litúrgica, quer para reprimir abusos e restaurar as sãs tradições, quer sobretudo para definir as suas leis”.<sup>5</sup>

Os Papas do pós-concílio Vaticano II abordaram a questão da música por diversas vezes, fazendo referência a documentos anteriores e reforçando o que do próprio Concílio germinou. “O grande objetivo da reforma litúrgica operada pelo Concílio, não é tanto uma mudança de ritos e textos, mas sim suscitar a formação dos fiéis e promover a ação pastoral que tenha como vértice e fonte a Liturgia.”<sup>6</sup> Mas, de todas essas considerações, a nossa intenção é compreender melhor o pensamento de um Papa que toca piano: Bento XVI.

Joseph Aloisius Ratzinger nasceu no dia 16 de abril de 1927, Sábado Santo, em Marktl am Inn,<sup>7</sup> Baviera Alemanha. Para ele a terra, a família e a fé estabeleceram-se, desde cedo, referências para a sua vida toda.<sup>8</sup> O seu pensamento vibrante e apaixonado pela liturgia e pela música suscita uma forma profunda de articular estes dois campos. Joseph Ratzinger foi eleito Papa a 19 de abril de 2005 e o seu pontificado terminou a 28 de fevereiro de 2013.

Analisar a obra de Joseph Ratzinger/Bento XVI é o objetivo primeiro, com a finalidade de esclarecer de forma compilada o trabalho e a exaustividade do seu pensamento. Não se trata de uma tarefa fácil, porque acarreta uma história e uma forma de postular singularmente marcante na história da Igreja.

Proponho, desta forma, fazer em duas partes um levantamento reflexivo, expondo-o cronologicamente: de Joseph Ratzinger a Bento XVI.

Na primeira parte, pretendo estabelecer a ponte entre música e liturgia, assim como abordar as possibilidades e os limites da inculturação e apresentar a expressão musical concernente ao *Logos*, segundo as principais obras (Cantai ao Senhor um cântico novo, Festa da Fé e Introdução ao espírito da liturgia) de Joseph Ratzinger.

---

<sup>5</sup> A. G. MARTIMORT, *A Igreja em Oração. Introdução à Liturgia*, 175.

<sup>6</sup> J. M. CORDEIRO, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*, 14.

<sup>7</sup> Cf. P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI. El Papa Alemán*, 74.

<sup>8</sup> Cf. IBIDEM, 68.

Na segunda parte, centrada no magistério de Bento XVI, analisarei, de forma mais extensa, a totalidade dos seus discursos que se referem à música litúrgica. Neles salienta-se a dimensão universal da linguagem musical, assim como o seu lugar enquanto expressão da fé e a sua importância na elevação do Homem para Deus.

Como segundo objetivo, e numa leitura transversal, disponho-me a olhar para a mesma pessoa em tempo e situação ministerial diferentes, podendo observar a continuidade (ou não) da sua reflexão.

## **1. – Joseph Ratzinger e a arte da Liturgia**

Joseph Ratzinger abordou com frequência o tema da relação entre Música e Liturgia. De modo geral afirma que a música faz parte integrante da liturgia, não como mero adorno, mas como necessária à vivência da ação litúrgica. A liturgia e a música sempre tiveram uma relação cordial.

Um outro aspeto que poderemos salientar é a questão da inculturação. A inculturação é uma condição importante para que os diversos povos encontrem na liturgia uma frutuosa participação. Não é fácil esta tarefa eclesial, mas será mais proveitoso quanto mais os seus membros trabalharem em conjunto.

Devemos ter em conta que a música está frequentemente associada à Palavra. Portanto, a música litúrgica é uma consequência da realidade e da encarnação da Palavra. A Palavra encarnada é o Logos, o Filho de Deus, Jesus Cristo.

### ***1.1. – A decisiva ligação entre música e liturgia***

Ratzinger nunca teve intenções de voltar ao passado, no modo de proceder e postular mas, pelo contrário, foi um percursor e admirador do Movimento Litúrgico que antecedeu o Concílio Vaticano II. Como cardeal acrescenta que “a verdadeira educação litúrgica não pode consistir na aprendizagem nem no exercício de atividades exteriores, mas na introdução do poder transformador de Deus, que, através do acontecimento litúrgico pretende transformar-nos a nós e ao mundo.”<sup>9</sup> Consiste num percurso do Homem em direção a Deus, na medida em que Ele vai derramando nas ações litúrgicas os dons para que essa aproximação surja.

“A liturgia é a primeira escola da fé, onde se conhece o mistério de Deus, celebrando-O.”<sup>10</sup> A liturgia é a expressão santificadora e cultural da Igreja, que é esposa e corpo sacerdotal

---

<sup>9</sup> Cf. [www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc](http://www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc)

<sup>10</sup> J. M. CORDEIRO, *Liturgia, a primeira escola da fé*, 21.

do Verbo encarnado; continua no tempo a obra de Cristo por meio de sinais que a fazem presente até à vinda do Senhor Jesus.<sup>11</sup>

O Concílio Vaticano II, na constituição *Sacrossanctum Concilium*, afirma que na liturgia deve imperar uma participação ativa e frutuosa.<sup>12</sup> Ratzinger considera que essa participação, antes de mais deve ser uma participação de Deus e em Deus, porque na vida e na liberdade, a interiorização ocupa um lugar prioritário. A participação litúrgica não se pode impor aos humanos a partir de fora, mas requer educação e prática, porque, não se pode conseguir uma formação litúrgica verdadeira com contínuas propostas de novas estruturas, mas sim adaptando a estrutura formal ao conteúdo e mediante uma educação que desenrole a capacidade de assimilar interiormente a liturgia da Igreja.<sup>13</sup>

Existe, frequentemente, a conceção de que a liturgia exige uma permanente tarefa de criação para a comunidade, tarefa esta que conduz a determinados círculos, isto é: a elaboração de “liturgias” novas, semana após semana e com um empenho tão admirável como errado. A liturgia não é um encontro de amigos ou de reuniões sociais.<sup>14</sup>

“A liturgia não é mero convergir de um grupo que organiza uma festa para uso privado e exclusivamente, se auto-celebra. Pelo contrário, participando do encontro de Cristo com o Pai, entramos em comunhão com a Igreja universal e somos também imersos na comunhão dos santos. Sim, em certo sentido, é a liturgia do céu. A sua grandeza está precisamente em rasgar a cortina dos céus e nos unimos ao coro de adoração. Este é também o motivo pelo qual o Prefácio conclui com estas palavras: «cantamos com os coros dos serafins e querubins. Sabemos que não estamos sós, que estamos em uníssono com outras vozes e que já não existe fronteira entre o céu e a terra.»<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. J. L. MARTÍN, *La liturgia de la Iglesia*, 46.

<sup>12</sup> “Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com rectidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na acção litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, activa e frutuosa.” *SC*, 11.

<sup>13</sup> Cf. J. RATZINGER, *La fiesta de la fe*, 96-97.

<sup>14</sup> *IBIDEM*, 114-115.

<sup>15</sup> J. RATZINGER, *Dios y el Mundo, Creer y vivir en nuestra época*, 390.

Com o canto eliminamos as barreiras da distinção e estabelecemos laços de aproximação, unimos a Igreja peregrina à Igreja triunfante celebrando a liturgia celeste.

Atualmente, “necessitamos, ao menos, de uma nova consciência litúrgica para que desapareça o espírito fazedor (...) Hoje, o mais importante é voltar a respeitar a liturgia e a sua orgânica. Que reaprendamos a conhecê-la no seu ser de criatura viva que cresce e que nos foi dada, e através da qual nós tomamos parte na liturgia celeste. Que não busquemos nela a própria autorrealização, mas em vez disso, a entendamos como dom.”<sup>16</sup>

De facto, segundo Ratzinger, a liturgia deve ser “opus Dei”, em que Cristo atua em primeiro lugar e em que nós, precisamente por meio da sua ação, somos redimidos.<sup>17</sup>

Joseph Ratzinger inspira-se frequentemente nos textos de Romano Guardini, que foi um dos iniciadores do movimento litúrgico. Ele dizia que uma visão católica da liturgia só se podia encontrar ligada à fé dogmática, e isso conduz à conceção de que, se não tivermos consciência de que na Igreja é Cristo que vive entre nós, não pode existir uma verdadeira liturgia. Jesus Cristo é o centro de toda a ação litúrgica da Igreja. Então, Ratzinger reforça que o verdadeiro sujeito da ação litúrgica é a Igreja, esta Igreja que não pode ser entendida pelos cristãos católicos como uma instituição detentora de poder, mas deve ser vista como o instrumento que ajuda, a levar Cristo a todos, respeitando a liberdade de cada um.

“A liturgia inclui a oração, em que se alterna entre o sacerdote e os fiéis, a aclamação, a proclamação e a oração comunitária.”<sup>18</sup>

A música é parte integrante da liturgia, pois ajuda o Homem a elevar a sua oração a Deus. A liturgia e a música sempre tiveram uma relação fraterna. Quando o Homem louva o Criador utiliza palavras; no entanto, a palavra inserida na música ganha maior vigor, pois é

---

<sup>16</sup> IBIDEM, 393.

<sup>17</sup> Cf. SNL, *Música Sacra nos documentos da Igreja*, 195.

<sup>18</sup> J. RATZINGER, *La fiesta de la fe*, 120.

expressa de forma mais intensa. “Onde há encontro entre Deus e o homem não há palavras, porque aí são despertadas as partes da sua existência que por si se tornam canto e música.”<sup>19</sup>

Um elemento importante na consideração da relação entre música e liturgia é o modo como a Escritura o considera. Ratzinger dedica-lhe muita atenção.

Desde o Antigo ao Novo Testamento, podemos encontrar no texto bíblico como a música foi um meio de oração. A música é uma das primeiras artes da civilização, sendo atribuída a Jubal, filho de Lamec. (Cf. Gn. 4,21).

Ora o canto começa a ser mencionado pela primeira vez depois da passagem do Mar Vermelho: é aqui que os filhos de Israel, libertos da escravidão, veem o magnífico poder Salvador de Deus.<sup>20</sup>

Há também um grande depósito de cânticos individuais e música do templo que perpassam a sagrada Escritura e estão contidos no Livro dos Salmos.<sup>21</sup> O Livro dos Salmos é o próprio cancionário Bíblico.<sup>22</sup> O Saltério não é uma mera prática do canto, mas contém a praxis na sua realização mais viva, elementos essenciais de uma teoria da música na fé e para a fé.<sup>23</sup>

Este livro é o centro do Antigo Testamento, pois é o enlace entre a Lei e os Profetas. Nasce das práticas do culto e da Lei, mas ao reter a Lei mediante o canto e a oração, vai mais além do rito e das suas regras onde o homem se abre ao logos e O adora.

No Antigo Testamento, o livro de Salmos era considerado como o cântico de David<sup>24</sup>. À luz do Novo Testamento, a Igreja orou e cantou os Salmos como que estes brotaram do coração do verdadeiro David, Cristo.

---

<sup>19</sup> IDEM, *Introdução ao espírito da liturgia*, 101.

<sup>20</sup> “Então Moisés e os filhos de Israel cantaram ao Senhor o seguinte cântico...” (Ex. 15,1).

<sup>21</sup> Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 103.

<sup>22</sup> “A Bíblia grega traduziu a palavra hebraica «Zamir» com «Psallein», o que em Grego significava «dedilhar» (no sentido de tocar um instrumento de corda); esta palavra tornou-se então expressão para o modo específico de tocar música no culto judaico e, posteriormente, a designação para o canto dos Cristãos.” J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 106.

<sup>23</sup> Cf. J. RATZINGER, *Un canto nuevo para el Señor*, 116.

<sup>24</sup> Podemos ver segundo a tradição mais antiga que David era um hábil músico: o próprio David tocava diante da Arca (Cf. 2Sm. 6).

Portanto, os salmos, são Hinos de Cristo e é Ele o verdadeiro diretor do coro que dá à Igreja o tom e ensina o cântico novo. É Cristo que nos ensina a falar com o Pai e nos liga corretamente à liturgia celeste.

A Igreja vê em Cristo o verdadeiro David e o autor real dos Salmos e sobretudo foi mais criativa no âmbito da música, que todas as outras esferas culturais, porque sempre seguiu os esquemas bíblicos para a sua expressão artística e aprendeu com o tempo a buscar a sua riqueza interna.<sup>25</sup>

Portanto, o auge da musicalidade bíblica, é o «*psalterium*», pois torna-se o breviário da Igreja na sua oração e no seu cantar. O «*psalterium*» reza-se agora juntamente com Cristo. Agora, todo o cristão que acredita em Jesus Cristo ressuscitado entoia definitivamente o verdadeiro Cântico Novo, como se fazia entoar no Antigo Testamento o Cântico de Moisés.<sup>26</sup> Foi sobretudo a fé bíblica que ao longo do tempo criou a sua forma cultural no âmbito da música.

Relativamente ao Novo Testamento, Joseph Ratzinger faz alusão ao início dos cânticos e hinos cristãos, referindo o «*benedictus*» e o «*magnificat*» como os primeiros, e acompanhados de outras passagens Bíblicas. (Cf. Filp. 2,6-11; 1 Tim. 3,16; Jo. 1,1-18).

Na carta aos Efésios,<sup>27</sup> e aos Colossenses,<sup>28</sup> Paulo exorta que os cristãos cantem e falem com o Senhor nos seus corações, pois, para Deus não se deve cantar com a boca mas sim com o coração.

A Igreja sempre se preocupou com a expressão musical, mas a música sacra nasce como carisma, como dom do Espírito: no fundo, ela é a “glossolalia” e “língua nova”,

---

<sup>25</sup> Cf. J. RATZINGER, *Un canto nuevo para el Señor*, 125.

<sup>26</sup> Cf. IDEM, *Introdução ao espírito da liturgia*, 103.

<sup>27</sup> “Falai uns aos outros com salmos e hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração” (Ef. 5, 19).

<sup>28</sup> “A Palavra de Cristo habite em vós ricamente: com toda a sabedoria ensinai e admoestai uns com os outros e, em ação de graças a Deus, entoem vossos corações salmos, hinos e cânticos espirituais” (Cl. 3, 16).

proveniente do Espírito. É o Espírito que ensina a cantar e o canto da Igreja tem origem no amor.<sup>29</sup>

Por esta razão, música na liturgia obedece a orientações dadas pela Igreja, e não pode estar ao sabor de concepções/sensibilidades meramente individuais. Neste aspeto são claras as palavras do cardeal, atual Papa emérito Bento XVI, “a liturgia não é um espetáculo, um espetáculo que necessite de realizadores geniais. A liturgia não vive de surpresas “simpáticas”, de ideias “cativantes”, mas de repetições solenes, não deve exprimir a atualidade do efêmero, mas o mistério do Sagrado.”<sup>30</sup> Porque “a liturgia consiste numa celebração comunitária, num ato em que a comunidade se configura e experimenta como tal.”<sup>31</sup>

Ratzinger faz referência ao Papa S. Gregório Magno, para parafrasear a ideia do núcleo espiritual da música litúrgica, de uma forma singularmente bela e convincente.

“Quando o canto da salmodia ressoa das profundezas do coração, o Senhor omnipotente encontra, por meio dele, um caminho de acesso aos corações, para inundar aquele que coloca todos os seus sentidos a escutá-lo com os mistérios da profecia ou a graça da conversão. Efetivamente está escrito: ‘Honra-me um canto de louvor e esse é o caminho pelo qual lhe mostrarei a salvação de Deus’ (Sal 49, 23). O que em latim soa *salutare*, quer dizer, ‘salvação’ em hebraico diz-se Jesus. Por isso, no canto de louvor, é criado um caminho, pelo qual Jesus se pode revelar, pois quando através do canto dos salmos se derrama em nós a verdadeira contrição, abre-se também uma estrada, nas profundezas do coração, em cujo final se chega a Jesus.”<sup>32</sup>

Este é o serviço mais alto e mais nobre da música, com o qual ela não renega a sua grandeza artística, mas no qual só pode encontrar a sua verdadeira realização: ela liberta o caminho atulhado que conduz aos corações, ao núcleo do nosso ser, onde ele atinge o próprio

---

<sup>29</sup> Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 104.

<sup>30</sup> Cf. [www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc](http://www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc)

<sup>31</sup> J. RATZINGER, *La fiesta de la fe*, 84.

<sup>32</sup> GREGÓRIO MAGNO, *Homiliarum in Ezechielem prophetam*, 1,1,15: PL 76, 792-793.

ser do Criador e do Redentor. Sempre que isto acontece, a música torna-se no caminho que conduz a Cristo: o caminho pelo qual Deus manifesta a sua salvação.<sup>33</sup>

A liturgia tem, por natureza, caráter festivo<sup>34</sup> e pode ser entendida como um “jogo” com papéis bem definidos, onde todos “jogam juntos” e assim fazem possível a “celebração”. Salienta-se aí a ideia de que a liberdade forma parte do núcleo da festa, entendida esta como a saída no âmbito das obrigações quotidianas, e o postulado de que neste sentido, a festa cria a comunidade. Para existir comunidade é necessária a expressão comum, mas para que esta não se reduza a mera exterioridade é importante uma interiorização comum, isto é, um caminho comum para o interior (para o alto).<sup>35</sup>

No entanto, sempre que se identifica a festa apenas com a interação comunitária e sempre que a liberdade se confunde com a “criatividade”, a dimensão humana atenua-se; ainda que o que se diga possa soar bonito e agradável, acaba por se suprimir o essencial.<sup>36</sup>

Em liturgia, devemos encontrar as formas que são fruto do dom de Deus e penetrá-las interiormente, especificamente, recuperando a capacidade de escutar e de nos entendermos mais como alguém que recebe do que alguém que cria.<sup>37</sup>

A liturgia é para os católicos a própria fonte de identidade; nela opera uma força, a força que emana do Espírito Santo, que nos impele à Santidade de Deus.

Ratzinger esclarece também a distinção entre liturgia de grupo e liturgia da Igreja, que não são opostas mas têm de ser vistas numa ótica correta.

A liturgia de grupo pertence à Igreja e não o contrário. A liturgia não surge a partir de um modelo comum, mas dos diversos grupos e comunidades, porque ela nasce no momento e no lugar concreto, graças à criatividade de quantos se reúnem.<sup>38</sup> A música, especialmente, une

---

<sup>33</sup> Cf. J. RATZINGER, *Un canto nuevo para el Señor*, 130.

<sup>34</sup> O termo: “festa” refere-se principalmente ao sentido da festa da ressurreição do Senhor. Cf. J. RATZINGER, *La fiesta de la fe*, 94.

<sup>35</sup> Cf. J. RATZINGER, *La fiesta de la fe*, 95.

<sup>36</sup> Cf. IBIDEM, 85-88.

<sup>37</sup> Cf. J. RATZINGER, *Dios y el Mundo. Creer y vivir en nuestra época*, 393-395.

<sup>38</sup> Cf. SNL, *Música Sacra nos documentos da Igreja*, 190.

e faz com que o grupo seja coeso; não se espera que se feche em si mesmo mas que dê contributos bons à Igreja universal.<sup>39</sup>

Certamente, hoje em dia, já não temos necessidade de impor uma disciplina tão restritiva como a que a Igreja experimentou nos séc. II e III, com a redução da música litúrgica ao canto dos Salmos, face à tentação gnóstica. Já não precisamos disso porque, entretanto, foi criado um património infinitamente superior de música, em sintonia com a fé cristã, que torna possível, em cada época, uma ritualização e uma prossecução criativa da arte musical sacra.<sup>40</sup>

Uma nova criatividade artística só pode reflorescer da profundidade de uma semelhante e corajosa disposição de espírito. De uma coisa porém estamos certos: a fecundidade criadora da fé não se esgotará antes do fim dos tempos nem antes de terem sido exploradas todas as dimensões do humano.<sup>41</sup>

Alerta Ratzinger para o facto de que é necessário ponderar bem tudo o que se refere à espontaneidade musical na liturgia, pois, nem tudo é permitido.

Existem muitos estilos, de acordo com o que a música pretende: o delírio, o êxtase, o prazer na destruição, a abolição das barreiras do dia a dia, a libertação do ego; estilos esses que são o núcleo da utilização da música em algumas formas de religião. Mas essa é a música que favorece o anti culto, a anti religião. Podemos evocar alguns estilos, tais como as músicas satânicas, a música rock, a música de agitação, a música sensual, a música de entretenimento. Este tipo de música não pode estar ao serviço da liturgia.<sup>42</sup>

Ainda assim, nem toda a música “religiosa” aceitável é própria para a liturgia, porque, se bem que essa música contribua para suscitar ou expressar sentimentos piedosos, a música litúrgica é liturgia, isto é, está sempre ao serviço da Palavra que se exprime musicalmente.

---

<sup>39</sup> Cf. IBIDEM, 192.

<sup>40</sup> Cf. J. RATZINGER, *Un canto nuevo para el Señor*, 129.

<sup>41</sup> Cf. IBIDEM, 129-130.

<sup>42</sup> Cf. IBIDEM, 144-145.

O canto gregoriano, a música das catedrais e da grande polifonia, a música da Renascença e do Barroco até ao romantismo de Bruckner, é a maior riqueza da história, pois é a boa música para a melhor fusão na vivência litúrgica.<sup>43</sup>

Ratzinger afirma: “A grandeza desta música é para mim a verificação mais imediata e evidente da imagem cristã do homem e da fé cristã da redenção que nos oferece a história. Quem realmente é tocado por ela, sabe, no seu íntimo, que a fé é verdadeira, mesmo que necessite ainda de muitos passos para realizar esta intuição com inteligência e vontade.”<sup>44</sup> E esta tradição musical, apesar das suas vicissitudes históricas, é um raio de luz em que a estrela da fé, a presença de Jesus Cristo, continua a brilhar.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> Cf. IBIDEM, 145.

<sup>44</sup> SNL, *Música Sacra nos documentos da Igreja*, 203.

<sup>45</sup> Cf. J. RATZINGER, Discurso que o Decano do Colégio Cardinalício dirigiu ao Papa João Paulo II, em nome de todos os presentes, 27.

## ***1.2. – Possibilidades e limites da inculturação***

A inculturação litúrgica não constitui tarefa fácil, mas é necessária para a vida da Igreja. Como afirma Ratzinger: “a Liturgia surge muitas vezes como o campo de experiências para exercícios de inculturação.”<sup>46</sup> A inculturação é uma condição *sine qua non* para que os diversos povos encontrem na liturgia uma frutuosa participação.

A inculturação é um processo idêntico ao trabalho das abelhas, pois é um trabalho coletivo; todas elas, com diversas funções, tendem ao mesmo fim. Cada abelha colabora com as outras e a colmeia vive dessa mútua colaboração. Assim também é o processo de inculturação, que pressupõe vários contributos: especialistas, músicos, antropólogos, sociólogos, entre outros; são campos de trabalho diferentes, mas com uma mesma finalidade.

Portanto a inculturação não é, nem pode ser, um processo isolado, mas requer “interdisciplinaridade”. Nesta base: “o primeiro modo fundamental da inculturação é o desenvolvimento da cultura cristã nas suas diversas dimensões.”<sup>47</sup>

A música da Igreja, enquanto expressão cultural da fé, afirma Ratzinger, está inteiramente ligada à problemática da relação entre a Igreja e a cultura. É de notar que o renascimento trouxe uma primeira grande cisão entre Igreja e cultura mas só o iluminismo foi capaz de fincar a emancipação da cultura face à fé.

Os caminhos da cultura e da fé foram-se separando, ainda que tivesse havido, em todos os momentos, um intercâmbio vivo entre elas.<sup>48</sup>

Parece surgir, no interior de todo este movimento de emancipação cultural, uma “subcultura” produzida pela Igreja e que fica à margem do grande caminho cultural.

Como qualquer outra expressão cultural, a música também teve diversos planos: o canto sem arte, mas verdadeiro, como o canto sensível para a suprema realização artística.<sup>49</sup>

---

<sup>46</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 148.

<sup>47</sup> IBIDEM.

<sup>48</sup> Cf. IDEM, *Un canto nuevo para el Señor*, 113.

<sup>49</sup> Cf. IBIDEM, 114.

Na prática, a irrupção das línguas vernáculas – muito para além do previsto pelo Concílio Vaticano II – trouxe consigo a urgência de improvisar, em cada uma delas, um imenso repertório musical. E isto, num momento histórico em que, em grandes traços e salvo honrosas exceções, a criatividade musical oscilou em dois mundos que nada tem a ver um com o outro: a música de massas, isto é, a música *pop*, a música do povo que se produziu industrialmente e que era vendida de forma ligeira, seria uma música de “consumo”; e, no outro extremo, encontramos a música elaborada racionalmente com critérios rigorosos, que é apenas para um público elitista.<sup>50</sup>

O teólogo alemão considera que a música da Igreja preferiu um terreno intermédio, mas mantém um interesse pelos âmbitos da atual esquizofrenia cultural,<sup>51</sup> isto porque, a Igreja procura estar atenta a todos os diversos espaços culturais para assim poder estabelecer diálogo com eles.

A terceira alternativa, perante esta cisão é o recurso à história, a adesão à música anterior a tais divisões, que emocionava as pessoas.

“Todo o Tempo é tempo de Deus.”<sup>52</sup> É neste tempo, depois do acontecimento da morte e ressurreição, que se deve cumprir o mandato do Senhor, Jesus Cristo, “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura.” (Mc 16, 15) Portanto, o processo de inculturação é impregnado pelo Filho de Deus. Ele envia e dá aos discípulos algumas orientações (Cf. Mt 10, 9; Lc 10, 4) e promete-lhes que sempre estará com eles cooperando nesta missão (Cf. Mc 16, 20).

A Igreja, ao longo da sua história, tem refletido sobre esta problemática. No entanto, o Concílio Vaticano II abriu-nos um horizonte bastante amplo em relação à adaptação da liturgia à índole e às tradições dos povos.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Cf. IBIDEM, 114.

<sup>51</sup> Cf. IBIDEM, 114-115.

<sup>52</sup> IDEM, *Introdução ao espírito da liturgia*, 69.

<sup>53</sup> Cf. SC, 37-40.

Quanto à música litúrgica, a Constituição *Sacrosanctum Concilium*, pede que se leve também em conta, a adaptação da música litúrgica à tradição musical dos povos.<sup>54</sup>

Por seu turno, a Instrução *Musicam sacram* recomenda que aqueles que se dedicam à tarefa da adaptação da música litúrgica, “devam possuir suficiente conhecimento não só da liturgia e da tradição musical da Igreja como também da língua, do canto popular e de outras expressões do génio do povo para o qual trabalham.”<sup>55</sup>

Também a Instrução *A liturgia romana e inculturação*, reconhece que a música e o canto “são a expressão da alma de um povo e ocupam na liturgia lugar de relevo”,<sup>56</sup> de igual modo admite o uso das formas musicais, das melodias e dos instrumentos de música típicos de cada cultura, tendo em conta que sejam adequados ao uso litúrgico, ou possam a ele se adaptar.<sup>57</sup> O motivo que brota destas posições do Magistério é a participação ativa e frutuosa dos fiéis na ação litúrgica.<sup>58</sup>

O importante na inculturação é ter em vista não os nossos próprios interesses mas sim avaliar o melhor método a adotar nesse processo tendo em vista o outro, para favorecer a sua participação. (Cf. Fl 2, 2-4)

---

<sup>54</sup> Cf. IBIDEM, 119.

<sup>55</sup> SACRA CONGREGATIO RITUUM, *Instructio de Musicam in Sacra Liturgia*, in AAS 59 (1967) 317.

<sup>56</sup> CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM, *De Liturgia Romana et Inculturatione*, in AAS 87 (1995) 303-304.

<sup>57</sup> Cf. IBIDEM.

<sup>58</sup> Cf. SC, 14, 30, 118.

### ***1.3. – A música litúrgica como expressão do Logos***

A música litúrgica é a grande expressão dos sentimentos humanos que elevam o homem a Deus; na ação litúrgica, a música é a vibração da Palavra que, por ser sagrada, ganha ainda maior vigor. Podemos afirmar que, metaforicamente, “«a música é o vestido da palavra».”<sup>59</sup> A música envolve a estrutura da palavra dando-lhe o volume e realce necessário.

“A música litúrgica é uma consequência resultante da exigência e da dinâmica da encarnação da Palavra, porque esta significa que também entre nós a Palavra não pode ser simples falar.”<sup>60</sup> É na música litúrgica que se consegue compreender e responder a esta dinâmica da encarnação da Palavra.

“A fé que se torna música faz parte da encarnação da Palavra.”<sup>61</sup> Portanto, o tornar-se música da Palavra é, por um lado, encarnação, é trazer a si forças pré-rationais e meta-rationais isto é, trazer a si o som escondido da criação descobrindo o canto que repousa no fundo das coisas.<sup>62</sup> “Mas assim, tornar-se música é já também a viragem do movimento: não é apenas a encarnação da Palavra, mas ao mesmo tempo espiritualização da carne.”<sup>63</sup>

Para Ratzinger, “a música litúrgica é, antes de mais, uma formação da consciência, porque o canto vai a pouco a pouco impregnando o Espírito com muito maior eficácia que o falar ou o pensar.”<sup>64</sup>

Tendo como pano de fundo a frase do evangelista João “e o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória” (Jo. 1,14), diz o teólogo, que esta auto-revelação, autocomunicação de Deus é o ponto de referência de todo o culto, que consiste em contemplar a Glória de Deus. A música litúrgica é uma consequência da realidade e da dinâmica da encarnação da Palavra.

---

<sup>59</sup> SNL, *Música Sacra nos documentos da Igreja*, 208.

<sup>60</sup> IBIDEM, 200.

<sup>61</sup> IBIDEM, 200.

<sup>62</sup> Cf. IBIDEM, 201.

<sup>63</sup> IBIDEM, 201.

<sup>64</sup> J. RATZINGER, *Un canto nuevo para el Señor*, 136.

A música na celebração eucarística é concernente ao *Logos*<sup>65</sup> em três sentidos diferentes.

Em primeiro lugar, ser relativo ao *Logos* é ser relativo à palavra. É na fé bíblica que se alicerça a música litúrgica. Por isso, existe uma dominância evidente da palavra e é a elevação do acontecimento da anunciação. A música surge como resposta à doação do amor que é o Emanuel<sup>66</sup>. É pela importância da palavra na ação litúrgica que a liturgia dá primazia ao canto em vez de os instrumentos (embora não sejam de excluir).<sup>67</sup>

Num segundo sentido, é o Espírito que em nós suscita a melodia da oração, como evidencia o apóstolo Paulo na carta que escreve aos Romanos. “As palavras serão excedidas, mas não a palavra *Logos*; esta é uma outra mais funda ainda, de ser relativo a *Logos* na música litúrgica.”<sup>68</sup> Na celebração da missa, nem todos os tipos de música podem ser admitidos, como já vimos, porque existe uma norma que é o *Logos*.

É o Espírito Santo que conduz ao *Logos*, conduzindo a uma música que esteja sob o sinal de *sursum corda*, isto é, o enaltecimento do coração.<sup>69</sup> A música da fé busca o “*sursum corda*”, a integração do homem e portanto a música purifica o homem e eleva-o.

Numa terceira interpretação, o *Logos* é a força doadora de sentido, não é apenas para o indivíduo nem apenas para a história, é o significado criativo de que emana o Universo.<sup>70</sup> A universalidade está impregnada na música, naquilo a que podemos chamar significado criativo, que é o *Logos*. “Todo o nosso cantar é canto e oração com a grande Liturgia, que abrange toda a Criação.”<sup>71</sup> Por isso mesmo “a beleza da música baseia-se na sua correspondência com as leis do Universo, rítmica e harmónica.”<sup>72</sup> A música, que é

---

<sup>65</sup> Neste sentido, *Logos* é Cristo encarnado, no meio dos humanos.

<sup>66</sup> Deus fala aos humanos através da linguagem deles, e por os amar tanto: faz-Se Homem. Ele, o Cristo é na verdade o Deus-connosco (Cf. Is 7, 14; Jo 1, 14; Heb 1,2).

<sup>67</sup> Cf. J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 110.

<sup>68</sup> IBIDEM, 111.

<sup>69</sup> Cf. IBIDEM.

<sup>70</sup> Cf. IBIDEM, 112.

<sup>71</sup> IBIDEM.

<sup>72</sup> IBIDEM, 113.

criatividade humana, é tanto mais bela quanto mais se aproximar da dimensão cósmica do mundo. Esta música percebe-se com o cantar dos anjos, que é sublime (Cf. Is. 6).

Todo o pensamento, do cardeal Ratzinger a este respeito é especialmente profundo, pois é ao mesmo tempo fruto do saber técnico e envolvente da realidade universal. A ideia da música cósmica, do cantar com os anjos, desagua conseqüentemente no relacionamento entre *Logos* e a Arte. “O carácter cósmico da música litúrgica encontra-se em composição à tal dupla transposição moderna, a qual vê a música simplesmente como subjetividade e mera expressão de vontade. Nós cantamos com os anjos. No fundo esse carácter cósmico é justificado pelo relacionamento com o *Logos* e todo o culto cristão”.<sup>73</sup>

O *Logos* simbólico atinge a sua expressão sublime na música, porque une céu e terra, reunindo (unindo duplamente) as vozes da terra em torno da procura da eternidade.

O *Logos* não é apenas racional e até o *Logos* racional se eleva quando se deixa envolver pela arte. O belo acolhe e plenifica toda a sensibilidade humana na busca da sua própria transcendência. No fundo, a música transporta o Homem, em si mesmo, para lá de si próprio.

---

<sup>73</sup> J. RATZINGER, *Introdução ao espírito da liturgia*, 114.

## **2. Da música ao mistério, do mistério à música – a linguagem de Bento XVI**

Bento XVI, Papa Emérito, apresenta uma posição bastante coerente em todo o seu pensamento. Ao longo do seu pontificado expressou-se bastantes vezes acerca da música e do canto, em diversos sentidos.

A música pode ajudar à compreensão do mistério e o mistério revelar-se, sem se esgotar, na verdadeira música<sup>74</sup>.

A música estabelece um vínculo entre os Homens, é linguagem universal; é também reflexo da obra de Deus na Criação e especialmente é um “ascensor” para Deus.

Desta forma, compreendemos grande parte da música erudita como o influxo do Espírito Santo e da fé do compositor que através dos tempos mostram a genialidade humana na descodificação da beleza divina.

### ***2.1. – A linguagem universal da Música***

#### *2.1.1. – O vínculo entre música e oração*

A relação com Deus encontra na oração a sua máxima expressão (Cf. Lc 6, 12; Mt 6, 9-13). A oração é o relacionamento que o homem estabelece com Deus, para abrir espaço ao diálogo, íntimo e profundo. “A oração exige confiança, proximidade, quase num corpo a corpo simbólico não com um Deus adversário, inimigo, mas com o Senhor que abençoa, que parece sempre misterioso, que parece inalcançável.”<sup>75</sup> Para isso podemos recorrer à ajuda de um texto, do silêncio ou mesmo da música.

---

<sup>74</sup> A música sacra litúrgica é a verdadeira música, a qual, apresenta três características notáveis: a santidade, a arte verdadeira e a universalidade.

<sup>75</sup> BENTO XVI, Na catequese sobre a oração o Papa referiu-se ao episódio da luta no vau do Jaboc, 3.

“A música não é uma sucessão de sons; ela tem um ritmo e, ao mesmo tempo, é coesão e harmonia; possui uma estrutura e uma profundidade próprias.”<sup>76</sup> Portanto, como diz Bento XVI, “a música pode tornar-se oração.”<sup>77</sup> Assim, tornar a música oração é dar vida à relação, ao diálogo, executando uma melodia ascendente e colocando harmonia no encontro entre o Homem e o Belo.

“A música é expressão do espírito, de um lugar interior da pessoa, criado para tudo aquilo que é verdadeiro, bom e belo. Não é por acaso que muitas vezes a música acompanha a nossa oração. Ela faz ecoar os nossos sentidos e o nosso espírito quando, na oração, encontramos Deus.”<sup>78</sup>

Deus, máxima beleza e harmonia, deu ao Homem a capacidade de se expressar com a linguagem da música e do canto.<sup>79</sup> Podemos facilmente compreender que, do ponto de visto do dom, a música já é vínculo, pois, o bom Deus dá gratuitamente ao homem esta capacidade artística de expressão, para que ele a utilize e disponha dela.

As expressões artísticas, todas elas, mas especialmente a música, “constituem verdadeiros caminhos que conduzem a Deus, à beleza suprema, aliás, são uma ajuda a crescer na relação com Ele, pela oração. Trata-se das obras que nascem da fé e que expressam a fé.”<sup>80</sup> Quando ouvimos uma peça de música sacra, com grande nível artístico, esta “faz vibrar as cordas do nosso coração, a nossa alma é como que dilatada e ajudada a dirigir-se a Deus.”<sup>81</sup>

Sabemos que a verdadeira música propende para o Verdadeiro e através dela entramos em oração. “Vemos que a música pode conduzir-nos à oração: ela convida-nos a elevar a mente a Deus, para encontrar nele as razões da nossa esperança e a assistência nas dificuldades da vida.”<sup>82</sup> Esta é a atitude do crente que se entrega totalmente nas mãos de Deus, e a isto chamamos: fé.

---

<sup>76</sup> IDEM, Discurso no final do concerto oferecido pela Cáritas de Regensburg, 2.

<sup>77</sup> J. RODRIGUES, *Bento XVI*, 15.

<sup>78</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Cáritas de Regensburg, 2.

<sup>79</sup> Cf. BENEDETTO XVI, *La Musica, Un'arte familiare al Logos*, 15-16.

<sup>80</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>81</sup> IBIDEM.

<sup>82</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 39.

“Se a fé nasce sempre da escuta da Palavra de Deus — uma escuta naturalmente não só dos sentidos, mas que dos sentidos passa para a mente e para o coração — não há dúvida de que a música e sobretudo o canto podem conferir à recitação dos salmos e dos cânticos bíblicos maior força comunicativa.”<sup>83</sup>

Relativamente aos Salmos, oração da Igreja, Bento XVI tece um comentário analógico ao do orante do salmo 83 (84):

“A imagem do pássaro é uma imagem jubilosa, mediante a qual o salmista quer dizer que toda a sua vida se tornou um canto. Ele pode cantar e voar. O próprio cantar é quase voar, elevar-se para Deus, antecipar de certa forma a eternidade, quando poderemos «cantar continuamente os louvores de Deus».”<sup>84</sup>

“O Deus que fala na Bíblia ensina-nos como podemos falar com Ele. Especialmente no Livro dos Salmos, dá-nos as palavras com as quais podemos dirigir-nos a Ele, levar a nossa vida, com os seus altos e baixos, para o colóquio diante d'Ele, transformando assim a mesma vida num movimento para Ele. Os Salmos contêm muitas vezes instruções também sobre o modo como devem ser cantados e acompanhados com instrumentos musicais. Para rezar apoiados na Palavra de Deus não basta o simples pronunciar, requer-se a música.”<sup>85</sup>

Em diversas ocasiões, o Papa Bento XVI, dirigindo-se aos cantores e músicos, exprime que a música é o trampolim que nos faz aproximar de Deus:

“Todos os cantos por vós executados pertencem a uma espécie de música que, tendo nascido da inspiração da fé, conduz de novo à fé e a oração é música que desperta em nós a alegria em Deus.”<sup>86</sup> Desta forma, “vós ajudais toda a assembleia a louvar a Deus, a fazer descer no profundo do coração a sua Palavra: com o canto, vós rezais e fazeis rezar, e participais no canto e na oração da liturgia que abraça toda a criação, glorificando o Criador.”<sup>87</sup> Portanto, “vós, que tendes o dom do canto, podeis fazer cantar o coração de tantas pessoas nas celebrações litúrgicas.”<sup>88</sup>

“Pela beleza dos vossos cânticos, vós manifestais a Deus a vossa alegria e o vosso amor, e ajudais o povo cristão a entrar mais profundamente nos mistérios celebrados

---

<sup>83</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>84</sup> IDEM, Discurso no final do concerto realizado na Capela Sistina, 3.

<sup>85</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 53.

<sup>86</sup> IBIDEM, 46.

<sup>87</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>88</sup> IBIDEM.

durante a Liturgia. Estou-vos vivamente grato por isto. Que o canto litúrgico, mediante o qual vós manifestais a grandeza e o amor de Deus, vos permita crescer em santidade!”<sup>89</sup>

Em suma, Bento XVI deseja alegremente que todos possamos fazer com que a “música litúrgica tenda cada vez mais para o alto, para louvar dignamente o Senhor e para mostrar como a Igreja é o lugar no qual a beleza é de casa.”<sup>90</sup> Porque, “na realidade, o louvor a Deus exige o canto.”<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> IDEM, Discurso aos participantes no congresso da federação internacional dos «Pueri-Cantores», 10.

<sup>90</sup> IDEM, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>91</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 42.

### 2.1.2. – Veículo de encontro e conhecimento

A música, pela sua forma expressiva, leva-nos sempre a manifestar alguns comportamentos tais como: indiferença, aproximação ou distanciamento com a própria música e/ou com os outros.

No fim de um concerto, Bento XVI disse o seguinte:

“Este concerto permitiu-nos, mais uma vez, apreciar a beleza da música, linguagem espiritual e portanto universal, veículo muito oportuno para a compreensão e a união entre as pessoas e os povos. A música faz parte de todas as culturas e, poderíamos dizer, acompanha todas as experiências humanas, da dor ao prazer, do ódio ao amor, da tristeza à alegria, da morte à vida.”<sup>92</sup>

No seguimento do discurso, acrescentou o Papa que, ao longo dos séculos “...a música foi sempre utilizada para dar forma àquilo que não se consegue fazer com as palavras, porque suscita emoções diversamente difíceis de comunicar. Portanto, não é um acaso se cada civilização deu importância e valor à música nas suas várias formas e expressões.”<sup>93</sup>

Existe música para unir e outra para dispersar, mas a boa música tem que congrega, e é no esforço de cada um que se consegue o resultado do conjunto.

“...a música une as pessoas, para além de toda a divisão; porque a música é harmonia entre as diferenças, como acontece cada vez que se começa um concerto, com o «rito» da afinação. Da multiplicidade dos timbres dos vários instrumentos pode surgir uma sinfonia. Mas isto não acontece magicamente, nem de maneira automática! Realiza-se apenas graças ao compromisso do Diretor e de cada um dos músicos. Um compromisso paciente, fadigoso, que exige tempo e sacrifícios, no esforço de se ouvir reciprocamente, evitando protagonismos excessivos e privilegiando o melhor resultado do conjunto.”<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela academia pianística de Imola, 3.

<sup>93</sup> IBIDEM.

<sup>94</sup> IDEM, Discurso no final do concerto da West-Eastern Divan Orchestra. 12.

Com isto, podemos afirmar que a união entre as pessoas se consegue mais facilmente quando, no grupo, não existe protagonismos exagerados. A música é um método elevado para o encontro e conhecimento entre as pessoas.

“A música, e mais em geral a arte, podem tornar-se portanto veículo privilegiado de encontro e de conhecimento e estima recíprocos entre populações e culturas diversas; um meio ao alcance de todos para valorizar a linguagem universal da arte.”<sup>95</sup>

Há depois outro aspeto a realçar: “a música interpreta os sentimentos universais do coração humano, entre os quais o religioso que supera os confins de todas as culturas.”<sup>96</sup>

Bento XVI, depois de ter ouvido duas belas sinfonias de Ludwig van Beethoven, transmite um pensamento unificante, de encontro entre as pessoas que se consegue através do diálogo e da música. “...para alcançar a paz é necessário comprometer-se, deixando de lado a violência e as armas, comprometer-se na conversão pessoal a comunitária, no diálogo e na busca paciente dos entendimentos possíveis.”<sup>97</sup>

Com este propósito, deseja o Papa que os Homens ultrapassem as diferenças que os distanciam e se unam cada vez mais, tornando este mundo cada vez melhor.

“Faço votos por que a harmonia do canto e da música, que não conhece barreiras sociais e religiosas, represente um constante convite para os crentes e para todas as pessoas de boa vontade a procurar juntas a linguagem universal do amor que torna os homens capazes de construir um mundo de justiça e de solidariedade, de esperança e de paz.”<sup>98</sup>

Todos os conflitos sociais, motivados por diversos fatores, só poderão ser solucionados com a força da vontade humana, que deve conduzir os humanos a criarem harmonia uns com os outros e não uma dissonância, que é capaz de gerar cada vez mais conflitos. A escuta de uma desafinação, para além de ser acatada negativamente pelo auditório, é antes de mais sentida pelo maestro e ele tem a avidez de a solucionar. Assim também Deus, tem o

---

<sup>95</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 28.

<sup>96</sup> IBIDEM, 28.

<sup>97</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto da West-Eastern Divan Orchestra. 12.

<sup>98</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 58.

“ouvido” atento aos seus filhos; Ele é o nosso maestro/Mestre (Cf. Mt 23, 10) e só Ele nos pode auxiliar na desafinação.

O momento de encontro e unidade, primeiramente, encontramos-lo nos instrumentos que em conjunto tocam a mesma música. Como no salmo 150, constatamos que existem diversos instrumentos: tambores, trombetas e flautas, harpas e cítaras, cordas e címbalos; “...todos estes instrumentos musicais são chamados a dar a sua contribuição ao louvor de Deus trinitário.”<sup>99</sup>

Estabelecer diálogo é falar a mesma linguagem, caso contrário seria a Babilónia<sup>100</sup> presente. Na verdade, todos os povos têm costumes, linguagem, gastronomia, cultura diferentes, no entanto, a música supera todas essas diferenças porque os sentimentos que dela procedem são iguais.

É imperativo valorizar o que os outros povos produzem, desde o ocidente ao oriente.

Bento XVI afirmou que “existe um vínculo estreito e originário entre a música russa e o canto litúrgico: é na liturgia e da liturgia que quase se desprende e tem início uma boa parte da criatividade artística dos músicos russos, para dar vida a obras-primas que mereceriam um maior conhecimento no mundo ocidental”<sup>101</sup>

É na música que se “antecipa e de certa forma se realiza o confronto, o diálogo e a sinergia entre Oriente e Ocidente, assim como entre tradição e modernidade.”<sup>102</sup>

A unidade e o diálogo entre os Homens é mais perceptível através da analogia de um órgão. “O órgão é, essencialmente, um instrumento comunitário. Já física e acusticamente, é um instrumento que reúne, em si, a articulação da variedade na unidade.”<sup>103</sup> É neste sentido que “num órgão, os numerosos tubos e os registos devem formar uma unidade.”<sup>104</sup>

“Como no órgão uma mão perita deve sempre conduzir as desarmonias à reta consonância, assim também na Igreja devemos encontrar, na variedade dos dons e dos

---

<sup>99</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 34.

<sup>100</sup> Dispersão, confusão/desentendimento (Cf. Gn. 11, 9).

<sup>101</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo Patriarca Cirilo, 7.

<sup>102</sup> IBIDEM.

<sup>103</sup> J. M. DUQUE, *L'organo. Itinerari*, 111.

<sup>104</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 34.

carismas, mediante a comunhão na fé, o acorde no louvor de Deus e no amor fraterno. Quanto mais, através da Liturgia, nos deixarmos transformar em Cristo, tanto mais seremos capazes também de transformar o mundo, irradiando a bondade, a misericórdia e o amor de Cristo pelos homens.”<sup>105</sup>

As pessoas dos vários lugares do mundo conseguem captar e transmitir as mesmas emoções através da linguagem musical, como diz o Santo Padre: “dado que a linguagem da música é universal, vemos pessoas de origens culturais e religiosas completamente diferentes, que se deixam arrebatadas e de igual forma orientadas por ela, tornando-se os seus intérpretes.”<sup>106</sup>

Atualmente, a rapidez tecnológica impera, no entanto, à que ter em conta que ela poderá ser favorável ao Homem na medida em que permite (re)viver acontecimentos em diferentes locais.

“Hoje, esta universalidade da música é particularmente salientada, graças aos instrumentos eletrónicos e digitais da comunicação. Quantas pessoas, nos mais diversificados países, têm a possibilidade de participar, permanecendo nas suas próprias casas, nesta execução musical ou mesmo de a reviver num segundo momento! Estou persuadido de que a música (...) é realmente a linguagem universal da beleza, capaz de unir entre si os homens de boa vontade em toda a terra e de os levar a elevar o seu olhar ao Alto e a abrir-se ao Bem e à Beleza absolutos, que tem a sua nascente última no próprio Deus.”<sup>107</sup>

A “Criatividade, invocação, canto novo, cultura nova e presença de toda a herança cultural na vitalidade da fé não se excluem, mas são uma única realidade; são presença da beleza de Deus e da alegria de ser seus filhos.”<sup>108</sup> Em suma, toda a música que é elaborada deve ter em vista a união, o encontro entre pessoas, culturas, raças, etc. porque assim deve ser incentivo à abolição de todos os conflitos.

---

<sup>105</sup> IBIDEM, 34-35.

<sup>106</sup> IBIDEM, 23-24.

<sup>107</sup> IBIDEM, 24.

<sup>108</sup> IBIDEM, 18-19.

O ano de 2013 foi especial, porque nele o Sumo Pontífice convidou a aprofundarmos, de forma particular, a fé. A fé cresce quando é vivida e torna-nos fecundos no amor.<sup>109</sup> Afirma ele mesmo:

“quis para toda a Igreja um especial Ano da fé, a fim de promover o aprofundamento da fé em todos os batizados e o comum compromisso pela nova evangelização. Por isso, (...) queria ressaltar brevemente como a música sacra pode, antes de tudo, favorecer a fé e, além disso, cooperar para a nova evangelização.”<sup>110</sup>

A nova evangelização é um tema que suscita, atualmente, redobrado interesse. Vivemos numa sociedade secularizada, e por isso a Igreja necessita de colher o ardor missionário, que emana de Cristo, para que sobretudo através do testemunho dos seus membros a evangelização seja úbere.

Bento XVI sugere à nossa reflexão a relação entre canto sacro e a nova evangelização.

“A Constituição conciliar sobre a liturgia recorda a importância da música sacra na missão *ad gentes* e exorta a valorizar as tradições musicais dos povos (cf. n. 119). Mas também precisamente nos países de antiga evangelização, como a Itália, a música sacra — com a sua grande tradição que é própria, que é cultura nossa, ocidental — pode ter de facto uma tarefa relevante, para favorecer a redescoberta de Deus, uma renovada abordagem da mensagem cristã e dos mistérios da fé. Pensamos na célebre experiência de Paul Claudel, poeta francês, que se converteu ouvindo o canto do *Magnificat* durante as Vésperas de Natal na Catedral de Notre-Dame de Paris: «Naquele momento — escreve ele — deu-se o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante o meu coração comoveu-se e eu acreditei. Acreditei com uma força de adesão tão grande, com um tal elevamento de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, numa certeza que não deixava lugar a espécie alguma de dúvida e que, a partir daquele momento, raciocínio algum ou circunstância da minha vida movimentada puderam abalar a minha fé nem afetá-la». Mas, sem incomodar personagens ilustres, pensemos em quantas pessoas foram tocadas no fundo do ânimo ouvindo música sacra; e ainda mais em quantos se sentiram de novo atraídos por Deus através da beleza da música litúrgica como Claudel.”<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> CF. PF, 7

<sup>110</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecilia, 7.

<sup>111</sup> IBIDEM.

Neste testemunho conseguimos perceber que a música também é um instrumento de nova evangelização. A música pode suscitar no coração das pessoas um forte apelo à conversão, isto é, à maior adesão a Jesus Cristo.

Conseguimos “ver” como sucedeu a conversão de Paul Claudel que “não tinha entrado na igreja por motivos de fé, mas precisamente para procurar argumentos contra os cristãos e, no entanto, a graça de Deus agiu no seu coração.”<sup>112</sup>

Desta forma, a arte capta as pessoas, nela perpassa a presença de Deus na obra elaborada pelo Homem. “Então, quantas vezes as expressões artísticas podem ser ocasiões para nos recordarmos de Deus, para nos ajudar na nossa oração ou também na conversão do coração!”<sup>113</sup>

Por isso, quanto mais os músicos e os cantores forem perfeccionistas na execução e na vivência musical, tanto melhores poderão ser os frutos que emanam desse serviço para a Igreja. Bento XVI pede mesmo encarecidamente esse empenho aos músicos e cantores.

Dirige-se aos cantores e músicos e exorta-os a um maior compromisso no seu trabalho:

“...queridos amigos, vós desempenhais um papel importante: comprometei-vos por melhorar a qualidade do canto litúrgico, sem ter receio de recuperar e valorizar a grande tradição musical da Igreja, que no gregoriano e na polifonia tem duas das expressões mais nobres...”<sup>114</sup>

Este pensamento vai de encontro àquilo que o Concílio Vaticano II refere na constituição acerca da liturgia.<sup>115</sup>

Contudo, a música sacra tem em si dois sentidos relativamente à fé, isto é, emana da fé do compositor, que é a fé da Igreja, e ecoa no ouvido atento do crente ou não crente. Neste

---

<sup>112</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>113</sup> IBIDEM.

<sup>114</sup> IDEM, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>115</sup> “A Igreja reconhece como canto próprio da liturgia romana o canto gregoriano; terá este, por isso, na ação litúrgica, em igualdade de circunstâncias, o primeiro lugar. Não se excluem todos os outros géneros de música sacra, mormente a polifonia, na celebração dos Ofícios divinos, desde que estejam em harmonia com o espírito da ação litúrgica, segundo o estatuído no art. 30.” SC, 116.

sentido, a fé penetra através do ouvido e chega ao coração do homem, com capacidade de converter e evangelizar. Designa-se “...música sacra, aquela música que, de modo totalmente particular, nasce da fé e é capaz de manifestar e transmitir a fé.”<sup>116</sup>

A música é um instrumento que pode moldar-nos à semelhança de Cristo, tornando-nos como o barro nas mãos do oleiro. Portanto, incita o Papa: “Queridos amigos, convido-vos a redescobrir a importância deste caminho também para a oração, para a nossa relação viva com Deus.”<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>117</sup> IBIDEM.

### 2.1.3. – Uma forma de contemplação

Podemos contemplar Deus através de vários meios, mas também através da música. Com a música, aquela que a Igreja compreende como favorável à fé, somos convidados a orar, a meditar e a contemplar; ela eleva-nos a intuir as harmonias do Céu.

Na música, Cristo envolve-nos, porque é também por ela que podemos estabelecer diálogo com o Senhor, “para nos determos a contemplar – na passagem da simples realidade exterior para a realidade mais profunda que exprime – o raio de beleza que nos atinge, que quase nos «fere» no íntimo e nos convida a elevar-nos rumo a Deus.”<sup>118</sup>

Por conseguinte, através da música podemos contemplar o rosto de Deus. Bento XVI, ao dirigir-se aos cantores, evidencia esse diálogo entre o Homem e Deus, no âmbito da contemplação:

“Na medida em que manifestais o vosso louvor a Deus, dais voz ao desejo natural de cada ser humano de O glorificar com cânticos de amor. É difícil encontrar palavras para transmitir a alegria do encontro amoroso da alma com Deus, e no entanto a boa música é capaz de expressar algo do mistério do seu amor por nós, e do nosso amor por Ele...”<sup>119</sup>

A música, cântico de amor, é uma manifestação do serviço em dois sentidos: o serviço a Deus e à Igreja.

“Recordai sempre que o vosso canto constitui um serviço. Um serviço a Deus, uma manifestação do louvor que lhe é devido. Trata-se de um serviço aos demais fiéis, para os ajudar a elevar o seu coração e a sua mente em oração. É um serviço a toda a Igreja, uma prelibação da Liturgia celestial, na qual os coros dos anjos e santos se unem num único e interminável cântico de amor e de louvor.”<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> IBIDEM.

<sup>119</sup> IDEM, Discurso aos participantes no congresso da federação internacional dos «Pueri-Cantores», 10.

<sup>120</sup> IBIDEM.

Afirma o Papa que é através do canto que se chega ao exercício mais belo da relação entre o Homem e Deus. “Vós, mediante o vosso canto, participais nesta bonita tarefa, de tal modo que Deus é honrado e os homens sentem alegria.”<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> IBIDEM.

## 2.2. – *Expressão da fé*

### 2.2.1. – *Ressonância da criação*

Os primeiros cristãos oravam a Deus Criador e recordavam-se da grandeza e da imensidade de Deus desta forma: “Senhor, tu que criaste o céu e a terra, o mar e todas as coisas que nele habitam”. (Cf. Act 4, 24)

Invocar o Criador é reconhecer, conscientemente, que tudo foi criado por Ele e que tudo sustenta nas suas mãos. É reconhecer também que, “esteve próximo do seu povo mostrando-se um Deus que se interessa pelo homem, que não se retirou, que não abandona o homem sua criatura.”<sup>122</sup>

A grandeza daquilo que acreditamos passa pelas primeiras palavras do Credo. “A nossa profissão de fé começa com as palavras: «Creio em Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra.» Se omitirmos este primeiro artigo do *Credo*, toda a história da salvação se torna demasiado restrita e demasiado pequena.”<sup>123</sup>

Crer em Deus é, antes de mais, afirmar que Ele é *Pantocrator*<sup>124</sup>, é afirmar os artigos do Credo. A palavra “Creio” recitada no Credo tem um significado mais profundo: não é simplesmente confiar em alguém ou ter certeza, mas é afirmar “com confiança o sentido verdadeiro da realidade que nos apoia e sustenta o mundo; significa acolher este sentido como o terreno sólido sobre o qual podemos estar sem temor; é saber que o fundamento de tudo, de nós mesmos, não pode ser realizado por nós, mas só ser recebido.”<sup>125</sup>

O cristão não diz: creio no acaso ou em algo, mas afirma com convicção: creio em Alguém, “no Deus que Se revelou em Jesus, n’Ele compreendo o autêntico sentido do mundo;

---

<sup>122</sup> BENTO XVI, Audiência geral – o Papa falou sobre o «pequeno Pentecostes» narrado nos Actos dos Apóstolos, 3.

<sup>123</sup> BENTO XVI, *A alegria da fé*, 18-19.

<sup>124</sup> Todo-Poderoso.

<sup>125</sup> BENTO XVI, Discurso após o concerto oferecido pelo Presidente da República italiana por ocasião do sexto aniversário de início do Pontificado, 6.

e este crer abrange toda a pessoa, que está a caminho rumo a Ele.”<sup>126</sup> Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida. (Cf. Jo. 14, 6)

Como evidencia o Papa, o Credo termina com a palavra “amém” que possui em hebraico a mesma origem da palavra “fé”, quer dizer que o Homem deve apoiar-se em Deus que é a sua base sólida, a pedra angular. (Cf. Mt. 21, 42)

Em suma, “omitir a criação significaria entender mal a própria história de Deus com os homens, reduzi-la, já não ver a sua ordem de grandeza.”<sup>127</sup> Portanto, “o arco da história que Deus fundou chega até às origens, até à criação.”<sup>128</sup>

Bento XVI faz referência ao órgão como o instrumento musical mais identificável com a criação, isto é, o órgão é o rei dos instrumentos “porque retoma todos os sons da criação”.<sup>129</sup> Desta forma, “dá ressonância à plenitude dos sentimentos humanos, da alegria à tristeza, do louvor à lamentação.”<sup>130</sup>

Tudo o que envolve o órgão, desde do piano ao fortíssimo encantador, mostra-nos a versatilidade deste instrumento que é capaz de nos recordar a imensidade e a magnificência de Deus.<sup>131</sup> É um instrumento sublime.

O Papa privilegia a ordem harmónica da natureza, a ordem que transcorre na criação e da forma como ela se organiza. Todo aquele que pretenda alterar um ponto, uma nota ou uma pausa da partitura, está a violar a elaboração do seu compositor, que quis assim e não de outra forma. Assim sucede com a criação: o Homem é responsável pela sua preservação e melhoramento (Cfr. Gn. 1, 28), mas não deve alterar a ressonância do seu Criador.

“Efetivamente, podemos imaginar a história do mundo como uma maravilhosa sinfonia composta por Deus, e cuja execução é por Ele mesmo sábio Maestro de orquestra dirigida. Mesmo se a partitura por vezes nos pareça muito complicada e difícil, Ele

---

<sup>126</sup> IBIDEM.

<sup>127</sup> BENTO XVI, *A alegria da fé*, 18-19.

<sup>128</sup> IBIDEM, 18-19.

<sup>129</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 34.

<sup>130</sup> IBIDEM, 34.

<sup>131</sup> IBIDEM, 34.

conhece-a da primeira à última nota. Nós não somos chamados a pegar na batuta do diretor, e menos ainda a mudar as melodias a nosso bel-prazer.”<sup>132</sup>

Em toda a Sagrada Escritura somos convidados a colaborar com Deus no Seu projeto de felicidade. Deus quer precisar de nós na concretização da Sua obra-prima, quer precisar da nossa capacidade e dos dons que Ele nos deu. “Além disso, durante a execução ser-nos-á concedido compreender gradualmente o grandioso desígnio da partitura divina.”<sup>133</sup>

Num sentido de complementaridade e de ressonância surge o “Eco” à nossa reflexão. O Eco é a reflexão do som que é recebido pelo ouvinte pouco depois da produção do som direto, sendo assim, trata-se de reverberação nítida que o cosmos trespassa do seu Criador. Com esta linguagem percebemos que Deus fala através do universo dos sons refletidos no mundo, mas não só, Deus também se exprime através da pausa que é o berço do silêncio.

No silêncio também se escuta, no silêncio também há sons, é no silêncio que se manifesta aquela música diferente de todas as outras, é a música que ultrapassa a escala do Homem e que pertence a Deus.

Neste sentido “a palavra da fé precisa de um grande silêncio interior, para ouvir e obedecer a uma voz que está além do visível e do tangível. Esta voz fala também através dos fenómenos da natureza, porque foi o poder que criou e que governa o universo; mas para o reconhecer é preciso um coração humilde e obediente.”<sup>134</sup>

Portanto, a vida do Homem deve ser a assimilação da natureza que o impele a construir a arte mais bela, isto é, os gestos de amor autêntico onde a vida pode tornar-se um cântico, “uma antecipação daquela sinfonia que cantaremos juntos no Paraíso.”<sup>135</sup>

Ao longo da história Bíblica podemos confrontar-nos com a sucessiva e amorosa intensão de Deus em querer aproximar-se do Homem. Para tal, Deus, infinita sabedoria, deixou na criação uma magnífica promessa e um autêntico encontro.

---

<sup>132</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 38-39.

<sup>133</sup> IBIDEM, 39.

<sup>134</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto na Sala Paulo VI, 16.

<sup>135</sup> IBIDEM.

Relativamente ao som do oboé, afirma o Papa que “foi comovedor observar como, de um pedaço de madeira, deste instrumento, flui todo um universo de música: o insondável e o jubiloso, o sério e o cómico, o grandioso e o humilde, o diálogo interior das melodias. Pensei: como é magnífico que num pequeno pedaço criativo se esconde tal promessa, que o mestre pode libertar. E isto significa que toda a criação está repleta de promessas e que o homem recebe o dom de folhear este livro de promessas, pelo menos por um pouco.”<sup>136</sup>

Também o Homem perceptível da intenção de Deus e dos seus dons, procura dar resposta a esse diálogo filial e pessoal numa dimensão comunitária.

“Na presença do anjos Vos hei de cantar, Senhor (cf. 138,1). Aqui se exprime a consciência de cantar, na oração comunitária na presença de toda a corte celeste e consequentemente estar sujeitos ao critério supremo: rezar e cantar a fim de modo a poder unir-se à música dos Espíritos sublimes, que eram considerados os autores da harmonia do cosmo, da música das esferas celestes.”<sup>137</sup>

É também em conjunto que a Igreja louva a Deus com o canto. A harmonia reflete o conjunto. Com a música, o “génio humano compete em criatividade com a natureza, dá vida a harmonias várias e multiformes, onde também a voz humana participa desta linguagem, que é como um reflexo da grande sinfonia cósmica.”<sup>138</sup>

O Papa agradece de coração “àqueles que unem a música e a oração no louvor harmonioso de Deus e das suas obras: eles ajudam-nos a glorificar o Criador e Redentor do mundo, que é a obra maravilhosa das suas mãos.”<sup>139</sup>

---

<sup>136</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 47.

<sup>137</sup> IBIDEM, 54.

<sup>138</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto na Sala Paulo VI, 16.

<sup>139</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 24.

### 2.2.2. – O canto do “Magnificat”

Com a criação o Homem desfruta dos dons de Deus; de forma peculiar e privilegiada recebe-os com a presença do Emanuel. “O mundo é um produto da Palavra, do Logos.”<sup>140</sup> Quando S. João utiliza este termo, não se refere simplesmente à razão, mas à Razão Criadora, isto é, ela é sentido e ela própria cria sentido.<sup>141</sup>

Maria, mãe de Jesus Cristo, aceita livremente conceber a proposta de Deus no seu ventre e junto de Isabel, sua prima, exclama:

“A minha alma engradece o Senhor, e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humilhação de sua serva. Sim! Doravante as gerações todas me chamarão de bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas por mim. O seu nome é santo, e a sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. Agiu com a força de seu braço, dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos, e despediu ricos de mãos vazias. Socorreu Israel, seu servo, lembrado da sua misericórdia, conforme prometera a nossos pais em favor de Abraão e de sua descendência para sempre!” (Lc. 1, 46-55)

A primeira palavra pronunciada pelo coração de Maria foi *Magnificat*, e esta palavra tornou-se o cântico quotidiano da Igreja.<sup>142</sup>

Este cântico exalta Maria, a bem-aventurada, mostra a sua alegria e manifesta o poder amoroso de Deus presente no meio dos Homens. Ele é o Deus da justiça e da misericórdia.

“O Magnificat (...) é o canto de louvor de Maria e de todos os humildes de coração, que reconhecem e celebram com alegria e gratidão a obra de Deus na própria vida e na história; de Deus, que tem um «estilo» diferente do do homem, porque se põe da parte dos últimos para infundir esperança.”<sup>143</sup>

---

<sup>140</sup> BENTO XVI, *A alegria da fé*, 19.

<sup>141</sup> Cf. IBIDEM, 19.

<sup>142</sup> Cf. BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 66.

<sup>143</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto em sua homenagem, 10.

A esperança é o que mais se manifesta na harmonia do coração de Maria. Ela que foi trespassada pela dor, pelo sofrimento, recorda sempre as primeiras palavras do anjo “Não temas, Maria!” (Cf. Lc 1, 30) e no monte do Gólgota, mesmo aí, onde tudo parecia não ter sentido, Maria fica junta à cruz (Cf. Jo 19, 25), ela acredita em Deus, ela é a Mãe da esperança.

“Claramente o Magnificat pressupõe a Ressurreição, isto é, a vitória de Cristo: n'Ele Deus realizou as suas promessas e a sua misericórdia revelou-se em todo o seu poder paradoxal.”<sup>144</sup>

O cântico do Magnificat pode transformar-nos, podemos sentir a presença de Deus como aconteceu com o dramaturgo e diplomata francês, Paul Claudel.<sup>145</sup> Portanto, a música é “a língua que todos nós podemos compreender, porque toca o coração de todos nós.”<sup>146</sup>

---

<sup>144</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 66.

<sup>145</sup> Sentiu a presença de Deus, em 1886, na Basílica de Notre Dame em Paris. Cf. BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>146</sup> J. RODRIGUES, *Bento XVI*, 128.

### 2.2.3. – A verdade através da beleza

A referência à “verdade”, tornou-se hoje suspeita. No entanto, na perspectiva cristã, devemos olhar para o mundo com caridade como quem “rejubila com a verdade” (Cf. 1 Cor 13, 6).

“Todos os homens sentem o impulso interior para amar de maneira autêntica: amor e verdade nunca desaparecem de todo neles, porque são a vocação colocada por Deus no coração e na mente de cada homem.”<sup>147</sup>

Numa análise sucinta, “a verdade é «lógos» que cria «diá-logos» e, conseqüentemente, comunicação e comunhão.”<sup>148</sup> Sem verdade mergulha-se na órbita do ceticismo e do empirismo da vida, que não nos eleva a outras realidades<sup>149</sup>.

A palavra “Epifania”<sup>150</sup> significa manifestação, irradiação de uma presença, clarificação de uma (aparente) obscuridade, visibilização do que parece invisível, humanização do divino: é a Verdade presente.

A epifania é sobretudo uma teofania.<sup>151</sup> A liturgia é epifania, porque através dos mistérios e dos sinais, mostra Deus sem nunca O esgotar. Cristo, presente na liturgia<sup>152</sup>, coloca-se no centro, como cabeça de um corpo, e nós como membros (Cf. 1 Cor 12, 14. 27) enxertados N’Ele e para Ele desde o batismo.

Cristo é o Pastor, o Verdadeiro Pastor, Bom e Belo como os evangelistas nos transmitem em várias passagens (Cf. Jo 10, 11; Lc 15, 1-7). “É este o significado largo do adjetivo grego *Kalós* e do hebraico *tôb*, que qualifica o nome do Pastor.”<sup>153</sup> O lugar da Beleza é a Igreja, que tem como pedra angular (Cf. Is 28. 16; At 4.11) Cristo. Ele mesmo é a Verdade

---

<sup>147</sup> CV, 1.

<sup>148</sup> IBIDEM, 4.

<sup>149</sup> Cf. IBIDEM, 9.

<sup>150</sup> Palavra proveniente do grego “epiphaneía”.

<sup>151</sup> Palavra de origem grega: “theopháneia” ou “theophanía”. É uma revelação ou manifestação sensível da glória de Deus, ou através de um anjo, ou através de fenômenos impressionantes da natureza.

<sup>152</sup> “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt. 18, 20).

<sup>153</sup> A. COUTO, *Quando Ele nos abre as Escrituras*, 121.

(Cf. Jo 14, 6). “A fé é amor, e por isso cria poesia e música. A fé é alegria, e por isso cria beleza.”<sup>154</sup>

O encontro com Cristo tem que ultrapassar a realidade sensorial e ir além da totalidade do nosso ser, afinando o nosso comportamento pelo diapasão luminoso que vem do alto, o Cristo Belo. Assim, poderemos ter a certeza que já não haverá dissonância, que o Belo nos transforma e que ficaremos belos também.

A Beleza divina encarnada é a que salva e é também a “beleza cruxificada”: Ele é “o mais belo dos filhos dos homens” (Sl 45 (44)). E esta Beleza na liturgia é, sobretudo, condição primeira da experiência com o mistério divino que celebramos. É na relação que se obtém o conhecimento e é nesta que o amor é possível. O grande Romano Melodista<sup>155</sup> recorda-nos todo o tesouro da cultura cristã, nascida da fé, nascida do coração que se encontrou com Cristo, com o Filho de Deus.

“Deste contacto do coração com a Verdade que é Amor nasce a cultura, nasceu toda a grande cultura cristã. E se a fé permanecer viva, também esta herança cultural não morrerá, mas permanecerá viva e presente. Os ícones falam também hoje ao coração dos fiéis, não são realidades do passado. As catedrais não são monumentos medievais, mas casas de vida, onde nos sentimos "em casa": encontramos-nos com Deus e encontramos-nos uns com os outros. Nem sequer a grande música o gregoriano, ou Bach, ou Mozart é algo do passado, mas vive da vitalidade da liturgia e da nossa fé. Se a fé for viva, a cultura cristã não se tornará algo do "passado", mas permanecerá viva e presente. E se a fé for viva, também hoje poderemos responder ao imperativo que se reitera sempre de novo nos Salmos: «Cantai ao Senhor um cântico novo» (Cfr. Sl 149). Criatividade, invocação, canto novo, cultura nova e presença de toda a herança cultural na vitalidade da fé não se excluem, mas são uma única realidade; são presença da beleza de Deus e da alegria de ser seus filhos.”<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 17.

<sup>155</sup> Romano, o Melodista, nascido por volta de 490 em Emesa (hoje, Homs), na Síria. Teólogo, poeta e compositor, pertence à grande plêiade de teólogos que transformaram a teologia em poesia.

<sup>156</sup> BENTO XVI, Audiência geral-catequese sobre Romano, o Melodista, 12.

O Papa Bento XVI, de profundo conhecimento litúrgico e sensibilidade musical, escreveu, quando ainda era cardeal, que, “o abandono da beleza mostrou-se uma causa de «derrota pastoral»”.<sup>157</sup>

E disse ainda:

“Torna-se cada vez mais perceptível o pavoroso empobrecimento que se manifesta onde se expulsou a beleza, sujeitando-se ao útil (...) Uma Igreja que se limita apenas a fazer música “corrente” cai na incapacidade e torna-se, ela mesma, incapaz. A Igreja tem o dever de ser também ‘cidade da glória’, lugar em que se reúnem e se elevam aos ouvidos de Deus as vozes mais profundas da humanidade. A Igreja não pode satisfazer-se com o ‘ordinário’, com o usual. Deve reavivar a voz do cosmos, glorificando o Criador e revelando do próprio cosmos a sua magnificência, tornando-o belo, habitável e humano.”<sup>158</sup>

A música e o canto são fruto da beleza, porque criam um clima de festa e esplendor. Solenizando e revestindo de maior beleza os atos litúrgicos, abrem caminho para Deus, como dons do Seu amor e da Sua graça transformadora. Por servirem à sagrada liturgia, “devem ser dignos e belos como sinais e símbolos das realidades celestes”.<sup>159</sup>

A música é bela quando exerce a sua função ministerial, que é dar beleza à celebração, solenizar a liturgia e unir numa só voz o coração da assembleia, favorecendo a sua participação.<sup>160</sup>

São Bernardo, “demonstra que a cultura do canto é também cultura do ser e que os monges com as suas orações e cânticos devem corresponder à grandeza da Palavra que lhes está confiada, à sua exigência de verdadeira beleza.”<sup>161</sup>

Um canal que nos pode conduzir a Deus é o das expressões artísticas, isto é, a “*via pulchritudinis*”, o caminho da beleza.

---

<sup>157</sup> J. RATZINGER, *Diálogos sobre a fé*, 105.

<sup>158</sup> IBIDEM, 105-106.

<sup>159</sup> SNL, *Introdução Geral ao Missal Romano*, 288.

<sup>160</sup> Em pelo menos 25 números da SC a palavra «participar» ou «participação» aparece, promovendo ou exigindo a participação viva e ativa dos fiéis, especialmente referidas nos números: (cf. 11, 12, 14 (duas vezes), 17, 19, 21, 26, 27, 30, 33, 41, 48, 50,53, 55, 56, 79, 90, 106, 113, 114, 121, 124).

<sup>161</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 54-55.

“Talvez vos tenha acontecido algumas vezes, diante de uma escultura, de um quadro, de certos versos de uma poesia ou de uma peça musical, sentir uma emoção íntima, ter uma sensação de alegria, ou seja, sentir claramente que diante de vós não havia apenas matéria, um pedaço de mármore ou de bronze, uma tela pintada, um conjunto de letras ou um cúmulo de sons, mas algo maior, algo que «fala», capaz de sensibilizar o coração, de comunicar uma mensagem e de elevar a alma.”<sup>162</sup>

A perplexidade perante a arte torna-nos mais pequenos, ou melhor, coloca-nos na dimensão certa, onde se manifesta a grandiosidade de Deus. “A arte é capaz de expressar e de tornar visível a necessidade que o homem tem de ir além daquilo que se vê, pois manifesta a sede e a busca do infinito. Aliás, é como uma porta aberta para o infinito, para uma beleza e para uma verdade que vão mais além da vida quotidiana.”<sup>163</sup>

Na música conseguimos apreciar o bem e o belo com o coração.<sup>164</sup> Em suma, “a bondade e a beleza da criação de Deus não estão destruídas, (...) nós somos chamados e capazes de trabalhar para o bem e para o belo, e são inclusive uma promessa de que o mundo futuro há de vir, que Deus triunfa, que a beleza e a bondade vencem.”<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>163</sup> IBIDEM.

<sup>164</sup> Cf. BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 47-49.

<sup>165</sup> IBIDEM, 49.

## 2.3. – *Importância da música sacra*

### 2.3.1. – *Um “ascensor” para Deus*

Bento XVI reconhece que a música foi deveras importante na sua trajetória. “Ao refletir sobre a minha vida, dou graças a Deus por me ter posto ao meu lado a música, quase como uma companheira de viagem, que sempre me ofereceu conforto e alegria. Estou grato também às pessoas que, desde os primeiros anos da minha infância, me aproximaram desta fonte de inspiração e de serenidade.”<sup>166</sup>

A música assume uma grande importância no processo de crescimento humano e espiritual.

“O estudo da música assume um alto valor no processo educativo da pessoa, porque produz efeitos positivos no desenvolvimento do indivíduo, favorecendo o seu harmonioso crescimento humano e espiritual. Sabemos quanto é comumente reconhecido o valor formativo da música nas suas implicações de natureza expressiva, criativa, relacional, social e cultural.”<sup>167</sup>

Mas a música é também um “ascensor” para Deus, estabelece uma linguagem harmoniosa, uma relação do Homem com Deus e de Deus com o Homem, ligame que constitui um verdadeiro acorde. A música é uma mediação para nos abirmos ao infinitamente Outro.

A realização maravilhosa da música, desta linguagem melodiosa e universal, “permite superar qualquer barreira e entrar no mundo do outro, de uma Nação, de uma cultura, e nos permite dirigir também a mente e o coração para o Alto com ‘A’ maiúsculo, ou seja, que nos elevemos para o mundo de Deus.”<sup>168</sup>

---

<sup>166</sup> J. RODRIGUES, *BENTO XVI*, 16.

<sup>167</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado, 3.

<sup>168</sup> IDEM, Discurso no final do concerto da orquestra sinfônica do Principado das Astúrias, 6.

Elevar através da música é impulsionar o Homem, a estabelecer diálogo, relação com Deus, que equivale ao que se entende por oração. A experiência musical de alto nível, diz o Papa, “...nos purifique e eleve, numa palavra, nos faça sentir a grandeza e a beleza de Deus.”<sup>169</sup> Porque a música de qualidade, depois de transcender a âmbito do simplesmente humano, remete para o divino.

“A música, a grande música, aplaca o espírito, suscita sentimentos profundos e convida quase naturalmente a elevar a mente e o coração a Deus em todas as situações, tanto alegres como tristes, da existência humana.”<sup>170</sup>

Bento XVI cita uma expressão do compositor Felix Mendelssohn para sustentar com mais vigor a sua posição: “«Eu gostaria de ver todas as artes, em particular a música, ao serviço d’Aquele que as deu e criou»”<sup>171</sup> Portanto, a boa e bela música desperta no homem a obra de Deus na criação e no mesmo instante o eleva até Ele, porque esse só pode ser o verdadeiro sentido de toda a arte. “E uma obra de arte pode abrir os olhos da mente e do coração, impelindo-nos rumo ao alto.”<sup>172</sup>

Desta forma, “a música é capaz de abrir as mentes e os corações à dimensão do espírito e conduz as pessoas a levantar o olhar para o Alto, a abrir-se ao Bem e ao Belo absolutos, que têm a nascente última em Deus. A alegria do canto e da música são também um convite constante para os crentes e para todos os homens de boa vontade a empenhar-se para dar à humanidade um futuro rico de esperança.”<sup>173</sup>

Nas celebrações litúrgicas, a maior parte da participação dos fiéis é assegurada pela música, pois a música tem o dom de atrair e facilitar a relação com Deus e a contemplação. Mas quando existe uma certa carência de formação, e não por má-fé, a liturgia pode ser a apresentação de “criatividades”, e assim não se leva em conta a natureza da mesma. Poderá

---

<sup>169</sup> BENTO XVI, Discurso no fim do concerto oferecido em sua honra na Sala Paulo VI, 3.

<sup>170</sup> J. RODRIGUES, *Bento XVI*, 15.

<sup>171</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Gewandhaus de Lipsia, 6.

<sup>172</sup> IDEM, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>173</sup> IDEM, Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado, 3.

acontecer também com o canto e com a música, que em vez de serem auxílio, são impedimento.

Bento XVI olha para o canto e para a música não como simples adorno na celebração litúrgica. Já o tinha afirmado, como cardeal; no entanto, exprime a sua posição com uma nova responsabilidade eclesial, a do sucessor de Pedro. “A música e o canto não são mais um embelezamento (até mesmo supérfluo) do culto; com efeito, fazem parte da atuação da Liturgia, aliás, são eles próprios Liturgia.”<sup>174</sup>

Como sabemos, nem toda a música pode servir à liturgia. Mas de que música se trata? “Verdadeiramente, em liturgia, não podemos dizer que tanto vale um cântico como outro; a propósito, é necessário evitar a improvisação genérica ou a introdução de géneros musicais que não respeitem o sentido da liturgia”.<sup>175</sup>

Portanto, a música deve ser santa, deve estimular a busca de santidade e quanto mais estiver ligada à liturgia, mais cumpre este requisito, como afirma também o Concílio Vaticano II (SC, 112), que é citado por Bento XVI nos seus discursos.<sup>176</sup>

Dirige-se aos cantores da capela Sistina dizendo: “a vossa contribuição é essencial para a liturgia: não é um ornamento marginal, mas a liturgia como tal exige esta beleza, exige o canto para louvar a Deus e dar alegria aos participantes.”<sup>177</sup>

A música que é uma espécie de “ascensor” para Deus; deve, nos nossos corações, suscitar uma responsabilidade maior na vida da Igreja e na relação com Deus, Criador de todas as coisas. “A música maravilhosa (...) revigore a nossa fé e a nossa alegria no Senhor, a fim de que possamos ser suas testemunhas no mundo.”<sup>178</sup>

---

<sup>174</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 33-34.

<sup>175</sup> *SCa*, 42.

<sup>176</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 33-35.

<sup>177</sup> *IBIDEM*, 42.

<sup>178</sup> BENTO XVI, Discurso depois do concerto pelos sessenta anos da República Federal da Alemanha e os vinte anos da queda do Muro de Berlin, 9.

### 2.3.2. – Alguns dados da história

“O povo de Deus, reunido para a celebração, canta os louvores de Deus. Na sua história bimilenária, a Igreja criou, e continua a criar, música e cânticos que constituem um património de fé e amor que não se deve perder.”<sup>179</sup>

É necessário recorrer à memória do passado para dar continuidade a esta grande obra artística. O Papa considera essa referência histórica muito importante, porque,

“uma atualização autêntica da música sacra só pode ser feita em continuidade com a grande tradição do passado, do canto gregoriano e da polifonia sacra. Por isso, no campo musical, assim como no das outras formas artísticas, a Comunidade eclesial sempre promoveu e apoiou quantos procuram novas formas expressivas sem renegar o passado, a história do espírito humano, que é também história do seu diálogo com Deus.”<sup>180</sup>

Bento XVI, por ocasião dos inúmeros concertos que lhe foram oferecidos, dirigiu sempre uma palavra às entidades e a toda a organização, aos cantores e músicos, com especial referência aos grandes mestres da história, no que diz respeito à arte musical.

O Papa refere frequentemente alguns Padres da Igreja, especialmente Santo Ambrósio e Santo Agostinho. Para ele, a tradição bíblica e patrística marcam toda a história posterior, pela forma como exaltam o canto e a música.

Afirma o Papa: “como é rica a tradição bíblica e patrística ao ressaltar a eficiência do canto e da música sacra para mover os corações e eleva-los a fundar, por assim dizer, na própria intimidade da vida de Deus!”<sup>181</sup>

No entanto, cabe à autoridade eclesiástica “orientar sabiamente o desenvolvimento de um género e música tão exigentes, não ‘congelando’ o seu tesouro, mas procurando inserir na herança do passado as novidades valiosas do presente, para chegar a uma síntese digna da alta

---

<sup>179</sup> *SCa*, 42.

<sup>180</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 16.

<sup>181</sup> *IBIDEM*, 12.

missão que lhe é reservada no serviço divino.”<sup>182</sup> A tarefa musical tem amplo relevo na vida da Igreja.

Todo o tesouro da cultura cristã nasceu da fé, nasceu sobretudo do encontro com Cristo. A fé permanece viva ao longo das gerações; também este depósito cultural, que brota da fé, permanece vivo e presente.

Bento XVI é claro: “Nem sequer a grande música o gregoriano, ou Bach, ou Mozart é algo do passado, mas vive da vitalidade da liturgia e da nossa fé. Se a fé for viva, a cultura cristã não se tornará algo do ‘passado’, mas permanecerá viva e presente.”<sup>183</sup>

Parece-nos importante passar em revisão os elementos da tradição do passado, referidos por Bento XVI, optando por uma exposição cronológica. Eis alguns dados dessa história.

Relativamente a Santo Ambrósio<sup>184</sup>, Bento XVI partilha que possuía uma “aguda sensibilidade e capacidade musical, e ele, quando foi ordenado Bispo de Milão, pôs este dom ao serviço da fé e da evangelização.”<sup>185</sup>

Quanto a Santo Agostinho, Bento XVI é já mais extenso nas suas considerações. S. Agostinho<sup>186</sup> “um dos grandes Padres da Igreja, que viveu entre o IV e o V século depois de Cristo — para cuja conversão contribuiu sem dúvida de maneira relevante a escuta do canto dos salmos e dos hinos, nas liturgias presididas por Santo Ambrósio.”<sup>187</sup>

Para o Padre da Igreja, “«cantar é uma expressão de alegria e... amor»”<sup>188</sup> Quem ama rejubila, e quem canta transmite uma melodia do seu coração. “A música é a ciência de

---

<sup>182</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 12.

<sup>183</sup> IBIDEM, 18.

<sup>184</sup> “O Santo Bispo Ambrósio (...) faleceu em Milão na noite de 3 para 4 de abril de 397. (...) Quando morreu, Ambrósio não era idoso. Ainda não tinha 60 anos, tendo nascido por volta de 340 em Tréveros...” BENTO XVI, *Os Padres Da Igreja. – De Clemente Romano a Santo Agostinho*, 133.

<sup>185</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>186</sup> O “...maior Padre da Igreja latina, Santo Agostinho: homem de paixão e de fé, de grande inteligência e incansável solicitude pastoral...”; “...Agostinho nasceu em Tagaste na província de Numídia, na África romana a 13 de novembro de 354...”; “...faleceu a 28 de agosto de 430, quando ainda não tinha completado 76 anos.” BENTO XVI, *Os Padres Da Igreja. – De Clemente Romano a Santo Agostinho*, 181, 182, 186.

<sup>187</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>188</sup> IDEM, Discurso aos participantes no congresso da federação internacional dos «Pueri-Cantores», 10.

modelar bem.”<sup>189</sup> A música foi fundamental quando S. Agostinho procurava a fé, como descreve no décimo livro das suas confissões, um autêntico testemunho de encontro com Deus através da música:

“ «Quando voltam à mente as lágrimas que os cânticos da Igreja me fizeram derramar nos primórdios da minha fé reconquistada, e a comoção que ainda hoje suscita em mim não o cântico, mas as palavras cantadas, se são cantadas com voz límpida e com a modulação mais conveniente, reconheço de novo a grande utilidade desta prática» ”.<sup>190</sup>

Bento XVI faz alusão à obra *De Musica* de S. Agostinho e afirma que o santo “...não aprova, durante as liturgias cantadas, a busca do mero prazer sensível, mas reconhece que a música e o canto bem feitos podem ajudar a acolher a Palavra de Deus e a sentir uma comoção saudável.”<sup>191</sup>

O título de uma das obras musicais apresentada ao Papa Bento XVI, precisamente sobre S. Agostinho, é: “um mosaico de sons”.<sup>192</sup>

“Em sete imagens musicais, por sua vez compostas por diversas vozes, cânticos e melodias, pintou-se de modo impressionante um retrato de santo Agostinho com sons. É um mosaico. Algumas pedras refulgem, segundo o modo como desce a luz e o ponto de observação, mas é só no conjunto que a imagem se revela. Este mosaico representa a grandeza e a complexidade do homem e do teólogo Agostinho, que se subtrai a uma classificação e a uma sistematização que tendem a evidenciar demasiadamente apenas os seus aspetos particulares. Assim, esta composição diz-nos que, se verdadeiramente quisermos conhecer Agostinho, enquanto nos ocupamos dos pormenores nunca devemos perder de vista o conjunto do seu pensamento, da sua obra e da sua pessoa.”<sup>193</sup>

Portanto, é só no conjunto que se revela a imagem, isto é, só quando, verdadeiramente, estamos unidos é que conseguimos entender o Essencial: unidade na Trindade.

“A atualidade do grande Padre latino da Igreja é ininterrupta. (...) As sete imagens fizeram-nos conhecer o Bispo de Hipona na linguagem musical contemporânea.

---

<sup>189</sup> AGOSTINHO DE HIPONA, *De Musica*, I, 2,2. PL.

<sup>190</sup> BENTO XVI, Discurso à associação italiana Santa Cecília, 7.

<sup>191</sup> IBIDEM.

<sup>192</sup> IDEM, Discurso no final do concerto que lhe foi oferecido pela diocese de Wurzburg, 16.

<sup>193</sup> IBIDEM.

É necessário relevar que o fizeram sem pôr em primeiro plano a própria personagem principal. Mas precisamente devido a esta sua «ausência», Agostinho torna-se presente e é «sem tempo». A luta do homem e a sua busca daquilo que lhe é mais íntimo, a procura de Deus, permanece válida para todos os tempos; ela não diz respeito unicamente a um orador e mestre de gramática nas dilacerações e nas revoluções da antiguidade tardia, mas a cada homem de todos os tempos. E assim, no final da obra, encontramos as famosas palavras introdutivas tiradas das *Confessiones*, que ressoaram, amortecendo-se em diversas línguas: «*Magnus es, Domine, et laudibils valde: magna virtus tua et sapientiae tuae non est numerus... Quaerentes enim inveniunt eum et invenientes laudabunt eum*». «És grande Senhor, e muito digno de louvor; grande é a tua virtude, e a tua sabedoria incalculável... Louvarão o Senhor os que o procuram porque, procurando-o encontram-no, e encontrando-o louvã-lo-ão».<sup>194</sup>

Quanto aos compositores eruditos mais recentes, o Papa faz alusão a alguns deles<sup>195</sup> e transmite essa paixão pela música de forma bela e agradável. A música sempre foi a arte de comunicar e os grandes compositores, como Bento XVI refere em muitas das suas comunicações, tiveram essa audaz capacidade criativa “...de comunicar musicalmente sentimentos, emoções, aliás diria quase o tecido quotidiano da vida.”<sup>196</sup>

Apresento, nas páginas seguintes, as considerações de Bento XVI acerca dos compositores eruditos:

1. Comecemos por *António Vivaldi*<sup>197</sup>, ilustre compositor, grande representante do século XVIII.

“Infelizmente, conhece-se pouco da sua música sacra, que encerra tesouros preciosos (...). Gostaria de fazer três observações. Primeiramente, um facto anómalo na produção vocal vivaldiana: a ausência de solistas, há só o coro. Deste modo, Vivaldi quer expressar o «nós» da fé. O «Credo» é o «nós» da Igreja que canta a sua fé, no espaço e no tempo, como comunidade de crentes; o «meu» afirmar «creio» está inserido no «nós» da comunidade. Depois, gostaria de relevar os dois maravilhosos quadros centrais: *Et incarnatus est e Crucifixus*. Vivaldi detém-se, como era comum, no momento no qual

---

<sup>194</sup> IBIDEM.

<sup>195</sup> O Papa refere-se a: António Vivaldi; Johann Sebastian Bach; Franz Joseph Haydn; Wolfgang A. Mozart; Ludwig van Beethoven; Gioachino Rossini; Franz Schubert; Felix Mendelssohn; Franz Liszt; Giuseppe Verdi; Anton Bruckner; e Arvo Part.

<sup>196</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto que lhe foi oferecido pela diocese de Wurzburg, 16.

<sup>197</sup> Compositor Italiano, nasceu a 4 de março de 1678 em Veneza, Itália e faleceu em julho de 1741 em Viena, Áustria.

Deus, que parecia estar distante, se aproxima, se encarna e se doa a si mesmo na Cruz. Aqui a repetição das palavras, e as modulações contínuas exprimem o sentido profundo da admiração diante deste Mistério e exortam-nos à meditação, à oração.”<sup>198</sup>

Um outro compositor Italiano, Gioachino Rossini, que abordaremos mais adiante, quando teve o seu primeiro encontro com Vivaldi constatou: “ «Encontrei-o circundado de música e com o breviário nas mãos». Vivaldi era sacerdote e a sua música nasce da sua fé.”<sup>199</sup>

Vivaldi é um dos grandes representantes da música de setecentos; é um mestre de mestres. As duas peças de Vivaldi que o Papa ouviu, num concerto, pertencem aos chamados «concerti grossi».

Foram “escritos para orquestra de arcos e baixo contínuo, dos quais uma boa parte tinha uma finalidade didática, especialmente quando Vivaldi ensinava na «Pietà», um dos quatro orfanatos-conservatórios de Veneza para meninas. A estrutura dos três tempos, com um breve adágio central, é típica do grande compositor italiano, mas esta uniformidade arquitetónica nunca é monótona porque (...) o tratamento do timbre, a cor orquestral, a dinâmica do discurso musical, as misturas harmónicas, a arte do contraponto e da imitação fazem dos concertos de Vivaldi um exemplo de luminosidade e de beleza que transmite serenidade e alegria. Acho que isto derivava também da sua fé. Vivaldi era um sacerdote católico, fiel ao seu Breviário e às suas práticas de piedade. A escuta da sua produção de música sacra revela o seu espírito profundamente religioso.”<sup>200</sup>

O Papa Bento XVI afirma que a música de Vivaldi “expressa o louvor, a exultação, a ação de graças e também a admiração diante da obra de Deus, com uma extraordinária riqueza de sentimentos: do solene coral no início, em que é toda a Igreja que louva ao Senhor, ao jubiloso «*Et exultavit*», ao lindíssimo momento coral do «*Et misericordia*» no qual se detém com harmonias audazes, ricas de modulações repentinas, para nos convidar a meditar acerca da misericórdia de Deus, que é fiel e se estende por todas as gerações.”<sup>201</sup>

---

<sup>198</sup> BENTO XVI, Discurso após o concerto oferecido pelo Presidente da República italiana por ocasião do sexto aniversário de início do Pontificado, 6.

<sup>199</sup> IBIDEM.

<sup>200</sup> IDEM, Discurso após o concerto realizado em Castel Gandolfo, 3.

<sup>201</sup> IDEM, Discurso no final do concerto em sua homenagem, 10.

2. *Johann Sebastian Bach*<sup>202</sup>, cristão luterano, é um dos compositores mais eruditos que deixou uma vasta obra musical. É sabido que, “no título de muitas das suas partituras escreveu as siglas S.D.G.: *Soli Deo Gloria*, somente para a glória de Deus.”<sup>203</sup>

Para Bento XVI, Johann Sebastian Bach foi um “admirador de Vivaldi, de quem estudou e transcreveu vários concertos. «*Soli Deo gloria*»: esta frase aparece como um estribilho nos manuscritos de Bach — um *leitmotiv* das cantatas bachianas, (...) e constitui um elemento central para compreender a música do grande autor alemão. A profunda devoção foi um elemento essencial da sua índole, e a sua fé sólida sustentou e iluminou toda a sua vida. Na capa do «*Kleines Orgelbüchlein*» podem ler-se duas linhas «*Dem höchsten Gott allein zu Ehren, Dem Nächsten draus sich zu belehren*» [Ao Deus Altíssimo, para O honrar; aos outros, para os instruir]. Bach tinha uma conceção profundamente religiosa da arte: honrar a Deus e voltar a criar o espírito do homem. A escuta da sua música evoca quase o correr de um regato (Bach = regato), ou então uma grandiosa construção arquitetónica, em que tudo está harmoniosamente amalgamado, como se procurasse reproduzir aquela sinfonia perfeita que Deus gravou na sua criação.”<sup>204</sup>

As cantatas, peças tão famosas, são para Bento XVI monumentais obras de fé. “Bach é um maravilhoso arquiteto da música, com um uso sem igual do contraponto, um arquiteto norteado por um tenaz *esprit de géometrie*, símbolo de ordem e de sabedoria, reflexo de Deus, e assim a racionalidade genuína torna-se música no sentido mais elevado e puro, beleza resplandecente.”<sup>205</sup>

3. A Sinfonia 95 de *Franz Joseph Haydn*<sup>206</sup> “parece conter em si um itinerário que poderíamos chamar “pascal”. Com efeito, começa na tonalidade de Dó menor e, através de um percurso sempre perfeitamente equilibrado, mas não sem dramaticidade, alcança a conclusão

---

<sup>202</sup> Foi um dos mais célebres compositores, nasceu a 31 de março de 1685 em Eisenach, Alemanha e faleceu a 28 de julho de 1750 em Lípsia, Alemanha.

<sup>203</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica, Un'arte familiare al Logos*, 35.

<sup>204</sup> BENTO XVI, Discurso após o concerto realizado em Castel Gandolfo, 3.

<sup>205</sup> IBIDEM.

<sup>206</sup> Nasceu no dia 31 de março de 1732 em Rohrau, Áustria e faleceu a 31 de maio de 1809, Viena, Áustria.

em Dó maior.”<sup>207</sup> A fé é esta progressividade, começa num tom e termina noutro, isto é, a nossa fé exige etapas da menor compreensão de Deus à cada vez maior.

A música também nos aproxima da cruz, através das palavras que Jesus pronunciou. Num outro discurso, Bento XVI explica a relação entre a arte e a fé:

“*As últimas sete palavras do nosso Redentor na cruz* é um dos exemplos mais sublimes, no campo musical, do modo como se podem unir a arte e a fé. A invenção da música é totalmente inspirada e como que «dirigida» pelos textos evangélicos, que culminam nas palavras pronunciadas por Jesus crucificado, antes de dar o seu último suspiro. Todavia, além de estar ligado ao texto, o compositor estava vinculado também às condições específicas exigidas pelos comitentes, ditadas pelo particular tipo de celebração em que a música teria sido executada. E foi precisamente a partir de tais vínculos tão convincentes que o génio criativo pôde manifestar-se em toda a sua excelência: tendo que imaginar sete sonatas de cunho dramático e meditativo, Haydn aposta na intensidade, como ele mesmo escreveu numa carta da época: «Cada sonata, ou cada texto, é expresso unicamente com os meios da música instrumental, de tal modo que ele suscitará necessariamente a impressão mais profunda na alma do ouvinte, até do menos preparado» (Carta a W. Forster, 8 de abril de 1787).”<sup>208</sup>

4. *Wolfgang Amadeus Mozart*<sup>209</sup> é o músico-compositor predileto<sup>210</sup> do Papa Bento XVI, como assume explicitamente: “permiti que diga mais uma vez que há um afeto particular que me liga, poderia dizer, desde sempre, a este máximo compositor.”<sup>211</sup> Esta ligação à música de Mozart vem dos tempos da juventude, dos tempos em que na sua paróquia, nos dias de festa, se fazia ouvir a grande música. Desses tempos, Bento XVI tece algumas considerações: “...no coração eu sentia que um raio da beleza do Céu me tinha alcançado...”<sup>212</sup> É deslumbrante o gosto que tinha neste compositor: em fevereiro de 1982, quando chega a Roma, vem “com o seu piano de cauda e as suas partituras de Mozart.”<sup>213</sup>

---

<sup>207</sup> J. RATZINGER-BENEDETTO XVI, *Lodate Dio con arte*, 229.

<sup>208</sup> BENTO XVI, Discurso depois do concerto por ocasião da sua festa onomástica, 3.

<sup>209</sup> Músico erudito, nasceu a 27 de janeiro de 1756 em Salzburgo, Áustria e Faleceu a 5 de dezembro de 1791 em Viena, Áustria.

<sup>210</sup> Cf. J. RATZINGER-BENEDETTO XVI, *Lodate Dio con arte*, 169.

<sup>211</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Pontifícia Academia da Ciências, 5.

<sup>212</sup> IBIDEM.

<sup>213</sup> P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI. El Papa Alemán*, 260.

Acerca de Wolfgang A. Mozart, o Papa é lustroso:

“Em Mozart tudo é harmonia perfeita, cada nota, cada frase musical é assim e não poderia ser de outra forma; também os opostos estão reconciliados e a *Mozart'sche Heiterkeit*, a «serenidade mozartiana» tudo envolve, em cada momento. Trata-se de um dom da Graça de Deus, mas é também o fruto da fé viva de Mozart, que — sobretudo com a sua música sacra — consegue fazer transparecer a resposta luminosa do Amor divino, que dá esperança, também quando a vida humana é dilacerada pelo sofrimento e pela morte.”<sup>214</sup>

Neste excerto, estão presentes as virtudes Teologais: Fé-esperança-caridade. Diria que, enquanto estas três virtudes estão em sonância na vida da pessoa, é possível ver a harmonia perfeita da graça de Deus.

O *Ave verum Corpus* de Mozart é uma das obras mais sublimes porque “aqui a meditação cede o lugar à contemplação: o olhar da alma detém-se no Santíssimo Sacramento, para reconhecer nele o *Corpus Domini*, aquele Corpo que verdadeiramente foi imolado na cruz e do qual brotou a fonte da salvação universal. Mozart compôs este motete pouco antes de morrer e pode-se dizer que nele a música se torna autêntica oração, entrega do coração a Deus, com um profundo sentido de paz.”<sup>215</sup>

Num dos seus discursos, o Papa, reproduz uma carta que Mozart escreveu ao pai, falando da etapa final: a morte. Nessa carta, datada de 7 de abril de 1787, dizia:

“ «Há alguns anos adquiri tanta familiaridade com esta amiga sincera e caríssima do homem [a morte], que a sua imagem não só já nada significa para mim de terrificante, mas parece até muito tranquilizadora e confortadora! E agradeço ao meu Deus porque me concedeu a ventura de ter a oportunidade de reconhecer nela a chave da nossa felicidade. Nunca vou dormir sem pensar que amanhã talvez já não estarei aqui. Contudo, quantos me conhecem jamais poderão dizer que em companhia eu seja triste ou de mau humor. E por esta sorte agradeço todos os dias ao meu Criador e desejo isto de coração para cada um dos meus semelhantes». »<sup>216</sup>

Na sequência do discurso, o Papa comenta esta carta transmitindo o que dela ressalta:

---

<sup>214</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Pontifícia Academia da Ciências, 5.

<sup>215</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 67.

<sup>216</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Pontifícia Academia da Ciências, 5.

“É uma carta que manifesta uma fé profunda e simples, que sobressai também na grande oração do Requiem, e que, ao mesmo tempo, nos leva a amar intensamente as vicissitudes da vida terrena como dons de Deus e a elevar-nos acima delas, olhando serenamente para a morte como para a «chave» que abre a porta para a felicidade eterna.”<sup>217</sup>

Devemos compreender a cada dia que não temos aqui morada permanente, somos criados por Deus para Deus.

“O Requiem é outra expressão de fé, que conhece bem a tragicidade da existência humana e que não silencia acerca dos aspetos dramáticos, e por isso é uma expressão de fé tipicamente cristã, consciente de que toda a vida do homem é iluminada pelo amor de Deus.”<sup>218</sup>

O Requiem é uma alta manifestação do espírito, é uma música que interpreta os “sentimentos universais do coração humano, entre os quais o religioso que supera os confins de todas as culturas.”<sup>219</sup> O Requiem, apenas escutado, desperta um sentimento humano universal transcendendo os limites de qualquer cultura.<sup>220</sup>

No final do concerto comemorativo do IV aniversário de Pontificado, Bento XVI, ao ouvir a Sinfonia 35 de Mozart, realça a vida sobre a morte e belamente evoca que a força pode harmonizar-se com a graça, assim como em Deus o poder e a graça se interligam.

“A Sinfonia 35 de Mozart conseguiu quase amplificar e coroar a afirmação da vida sobre a morte, da alegria sobre a melancolia. De facto, nela prevalece decididamente o sentido da festa. O andamento é muito dinâmico, no final é irresistível – e neste ponto os nossos virtuosos membros da Orquestra fizeram-nos sentir como a força pode harmonizar-se com a graça. É o que acontece em máximo grau – se me permitis a comparação – no amor de Deus, cujo poder e graça coincidem.”<sup>221</sup>

---

<sup>217</sup> IBIDEM.

<sup>218</sup> IBIDEM.

<sup>219</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 28.

<sup>220</sup> Cf. J. RATZINGER-BENEDETTO XVI, *Lodate Dio con arte*, 214.

<sup>221</sup> IBIDEM, 229.

5. De toda a obra de *Ludwing van Beethoven*<sup>222</sup>, o Papa refere-se a algumas sinfonias, elogiando a perspicácia e sublime erudição musical do grande compositor.

A *Terceira* Sinfonia de Beethoven, é “...uma obra complexa que marca de modo claro a distância do sinfonismo clássico de Haydn e Mozart. Como se sabe, era dedicada a Napoleão, mas o grande compositor alemão mudou de ideia depois de Bonaparte se ter proclamado imperador, modificando o título: «composta para festejar a memória de um grande Homem». Beethoven exprime musicalmente o ideal do herói portador de liberdade e de igualdade que está perante a escolha da resignação ou da luta, da morte ou da vida, da rendição ou da vitória; e a Sinfonia descreve estes humores com uma riqueza de cores e uma temática até então desconhecida. Não entro na leitura dos quatro andamentos, mas menciono só o segundo, a célebre Marcha fúnebre, uma profunda meditação sobre a morte, (...) o pensamento sobre a morte convida a meditar sobre o além, o infinito. Naqueles anos, no Testamento de Heiligenstadt de outubro de 1802, Beethoven escrevia: «Ó Deus, do alto Tu olhas no meu íntimo, conhece-lo e sabes que está cheio de amor pela humanidade e de desejo de fazer o bem». A busca de sentido que abra a uma esperança sólida para o futuro faz parte do caminho da humanidade.”<sup>223</sup>

A *Quinta* e *Sexta* Sinfonias de Ludwing van Beethoven, “...expressam dois aspetos da vida: o drama e a paz, a luta do homem contra o destino adverso e a imersão tranquilizadora do ambiente bucólico. Beethoven trabalhou nestas duas obras, de modo particular na sua completação, quase contemporaneamente. Com efeito, elas foram executadas pela primeira vez juntas (...) no concerto memorável de 22 de dezembro de 1808, em Viena.”<sup>224</sup>

A respeito desta música, o Papa retira consequências de grande envergadura: “...para alcançar a paz é necessário comprometer-se, deixando de lado a violência e as armas, comprometer-se na conversão pessoal a comunitária, no diálogo e na busca paciente dos entendimentos possíveis.”<sup>225</sup>

---

<sup>222</sup> Compositor Alemão, nasceu no mês de dezembro de 1770 em Bona, Alemanha e faleceu a 26 de março de 1827 em Viena, Áustria.

<sup>223</sup> BENTO XVI, Discurso no concerto por ocasião do octogésimo quarto aniversário dos Pactos Lateranenses, 16.

<sup>224</sup> IDEM, Discurso no final do concerto da West-Eastern Divan Orchestra, 12.

<sup>225</sup> IBIDEM.

Relativamente à *Nona Sinfonia*, a mais conhecida e imponente obra-prima, o Papa fica sempre muito admirado:

“Após anos de auto-isolamento e de vida retirada, em que Beethoven teve que combater com dificuldades interiores e exteriores que lhe causavam depressão e profunda amargura, ameaçando sufocar a sua criatividade artística, o compositor já totalmente surdo, no ano de 1824 surpreendeu o público com uma composição que subverte a forma tradicional da sinfonia...”<sup>226</sup>

Diversas vezes as dificuldades da e na vida surgem quando menos esperamos, mas nelas que se manifestam mais os dons de Deus e nos estimulam a viver a alegria do Evangelho.

“Porém, a solidão silenciosa tinha ensinado a Beethoven um novo modo de ouvir, que ia muito além da simples capacidade de experimentar na imaginação o som das notas que se leem ou se escrevem.”<sup>227</sup> Por isso mesmo, ouvir esta maravilhosa sinfonia cria uma certa “elevação do espírito.”<sup>228</sup>

Esta Sinfonia brota do ouvido do coração de Beethoven, na verdade, o mais importante não é o que se encontra no exterior mas o que sai do interior do Homem.

“A elaboração da *Nona Sinfonia* de Ludwig van Beethoven foi longa e complicada, mas já a partir das célebres primeiras dezasseis notas do primeiro movimento, cria-se um clima de expectativa de algo grandioso, e a espera não é desiludida.”<sup>229</sup>

O início é surpreendente, mas mais maravilhoso é o desenrolar das páginas seguintes onde todas as notas se enquadram com o sentimento e a vibração do seu compositor.

“Não obstante, siga essencialmente as formas e a linguagem tradicional da Sinfonia clássica, Beethoven faz sentir algo de novo já a partir da amplitude sem precedentes de todos os movimentos da obra, que se confirma com a parte final introduzida por uma dissonância terrível, da qual se separa o recitativo com estas palavras famosas: «Ó, amigos, não estes tons; entoemos outros mais agradáveis e jubilosos»,

---

<sup>226</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 62.

<sup>227</sup> IBIDEM.

<sup>228</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto no teatro alla Scala, 6.

<sup>229</sup> IBIDEM.

palavras que num certo sentido «viram a página» e introduzem o tema principal do Hino à Alegria. Com a sua música, Beethoven desenha uma visão ideal de humanidade: «A alegria concreta na fraternidade e no amor recíproco, sob o olhar paterno de Deus» (Luigi Della Croce). A alegria que Beethoven canta não é uma alegria propriamente cristã, mas é o júbilo da convivência fraterna dos povos, da vitória sobre o egoísmo, desejo de que o caminho da humanidade seja caracterizado pelo amor, quase um convite que ele dirige a todos, para além de qualquer barreira e convicção.»<sup>230</sup>

Resta dizer que a *IX Sinfonia* transmite uma mensagem muito enriquecedora para a vida de cada um, na relação com os outros e especialmente no que toca ao ambiente familiar, que é o berço das próximas gerações.

Esta sinfonia de Ludwing van Beethoven, “...nos permite lançar uma mensagem com a música que confirme o valor fundamental da solidariedade, da fraternidade e da paz. E parece-me que esta mensagem é preciosa também para a família, porque é na família que se experimenta pela primeira vez que a pessoa humana não é criada para viver fechada em si mesma, mas em relação com os outros; é na família que compreendemos como a realização de nós mesmos não consiste em nos colocarmos no centro, guiados pelo egoísmo, mas em doarmo-nos; é em família que se começa a acender no coração a luz da paz, a fim de que ilumine este nosso mundo.”<sup>231</sup>

6. O Sumo Pontífice, apenas num discurso do seu pontificado faz alusão a *Gioachino Rossini*<sup>232</sup> músico, exaltando especialmente a sua fé simples e genuína.

A obra “... *Stabat Mater* de Gioachino Rossini, é uma grande meditação sobre o mistério da morte de Jesus e da dor profunda de Maria. (...) A religiosidade de Rossini exprime uma rica variedade de sentimentos diante dos mistérios de Cristo, com uma forte tensão emotiva. Do grande afresco inicial do *Stabat Mater*, angustiado e afetuoso, aos trechos dos quais emerge a cantabilidade rossiniana e italiana, mas sempre cheia de tensão dramática, até à dupla fuga final com o poderoso *Amen*, que expressa a firmeza da fé, e o *In sempiterna saecula*, que parece querer explicar o sentido da eternidade. Mas

---

<sup>230</sup> IBIDEM.

<sup>231</sup> IBIDEM.

<sup>232</sup> Giochino Rossini nasceu a 29 de fevereiro de 1792 em Pesaro, Itália e faleceu a 13 de novembro de 1868 em Passy, Paris-França. “Rossini tinha concluído a fase operística da sua carreira com apenas 37 anos, em 1829, com Guilherme Tell. A partir daquele momento deixou de compor peças de grandes proporções, apenas com duas exceções, ambas de música sacra: *Stabat Mater* e *Petite Messe Solennelle*.” BENTO XVI, Discurso após o concerto oferecido pelo Presidente da República italiana por ocasião do sexto aniversário de início do Pontificado, 6.

penso que as pérolas verdadeiras desta obra são os dois trechos a *cappella*, o *Eja mater fons amoris* e o *Quando corpus morietur*. Aqui o Maestro volta à lição da grande polifonia, com uma intensidade emotiva que se transforma em oração fervorosa: «Quando o meu corpo morrer, faz com que à alma seja dada a glória do Paraíso». Rossini, com 71 anos, após ter composto a *Petite Messe Solennelle*, escrevia: «Bom Deus, eis concluída esta pobre Missa... sabes bem que nasci para a ópera bufa! Pouca ciência, um pouco de coração e basta. Portanto, sê misericordioso e concede-me o paraíso». Uma fé simples e genuína.»<sup>233</sup>

7. Aprecia-me recordar palavras de Bento XVI acerca de *Franz Schubert*<sup>234</sup>, um dos mais famosos músicos de todos os tempos: “*Os Lieder* que Schubert nos deixou são mais de seiscentos: o grande compositor, nem sempre compreendido pelos seus contemporâneos foi, como se sabe, o «príncipe do *Lied*». Como recita o seu epitáfio, ele «fez a poesia ressoar e a música falar».”<sup>235</sup>

A obra-prima dos *Lieder* schubertianos: *Die Winterreise* (A viagem de Inverno), “exprime me uma intensa atmosfera de triste solidão, por ele particularmente sentida, considerando o estado de espírito de prostração que lhe foi causado pela longa enfermidade e pela sucessão de não poucas deceções sentimentais e profissionais. É uma viagem interior, que o célebre compositor austríaco escreveu em 1827, somente um ano antes da sua morte prematura, que o colheu com 31 anos.”<sup>236</sup>

Assegura o Papa: “Quando Schubert insere um texto poético no seu universo sonoro, interpreta-o através de uma mistura melódica que penetra na alma com docilidade, levando também quem o ouve a experimentar a mesma saudade pungente sentida pelo músico, a mesma evocação daquelas verdades do coração que vão além de todo o raciocínio. Nasce assim um afresco que fala de simples quotidianidade, de nostalgia, de introspeção e de futuro. Ao longo do percurso, tudo vem à superfície: a neve, a paisagem, os objetos, as pessoas e os acontecimentos, num pungente fluir de recordações.”<sup>237</sup>

“Apresentando aos amigos *A viagem de Inverno*, Schubert pôde dizer: «Cantar-vos-ei um ciclo de *Lieder*, que me empenhou mais do que nunca. Gosto deles mais que

---

<sup>233</sup> BENTO XVI, Discurso após o concerto oferecido pelo Presidente da República italiana por ocasião do sexto aniversário de início do Pontificado, 6.

<sup>234</sup> Compositor Austríaco, nasceu a 31 de janeiro de 1797 e faleceu no dia 19 de novembro de 1828 em Viena, Áustria.

<sup>235</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 69.

<sup>236</sup> IBIDEM.

<sup>237</sup> IBIDEM, 69-70.

todos, e serão também do vosso agrado». São palavras com as quais também nós concordamos, depois de os termos ouvido à luz da esperança da nossa fé. Espontâneo e exuberante, o jovem Schubert conseguiu comunicar (...) aquilo que ele mesmo viveu e experimentou. Portanto, é merecido o reconhecimento que, universalmente, é tributado a este ilustre génio da música, que honra a civilização europeia e a grande cultura e espiritualidade da Áustria cristã e católica.»<sup>238</sup>

8. *Felix Mendelssohn*,<sup>239</sup> é um compositor que traça objetivamente o seu trabalho. Ele quer louvar a Deus e por isso oferece à humanidade o máximo de si, para que, com a sua música outros possam louvar a Beleza suprema.

“A arte de como louvar a Deus, Beleza suprema, está na base do modo de compor de Mendelssohn e isto não só no que diz respeito à música litúrgica ou sagrada, mas a toda a sua produção. Como refere Julius Schubring, para ele a música sagrada como tal não estava um degrau acima da outra; cada uma à sua maneira tinha que servir para honrar Deus.»<sup>240</sup>

O Papa fala apenas uma vez de Felix Mendelssohn, nos seus discursos, mas numa profundidade tal que eleva o espírito de quem lê. Como afirmei anteriormente, Mendelssohn escreveu assim acerca da partitura da Sinfonia *Lobgesang*: “ «Eu gostaria de ver todas as artes, em particular a música, ao serviço d’Aquele que as deu e criou» ”.<sup>241</sup>

“O mundo ético-religioso do nosso autor não estava separado do seu conceito de arte, aliás, era sua parte integrante: «*Kunst und Leben sind nicht zweierlei*». Arte e vida não são duas coisas distintas, mas um todo, escrevia. Uma profunda unidade de vida que encontra o elemento unificador na fé, que caracterizou toda a existência de Mendelssohn e guiou as suas escolhas. Nas suas cartas captamos este fio condutor. Ao amigo Schirmer a 9 de janeiro de 1841, referindo-se à família, dizia: «Certamente por vezes não faltam preocupações e dias sérios... e contudo mais não se pode fazer do que rezar fervorosamente a Deus para que mantenha a saúde e a felicidade que me deu»; e a 17 de

---

<sup>238</sup> IBIDEM, 70.

<sup>239</sup> Músico erudito, nasceu no dia 3 de fevereiro de 1809 em Hamburgo, Alemanha e faleceu a 4 de novembro de 1847 em Lípsia, Alemanha.

<sup>240</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pela Gewandhaus de Lípsia, 6.

<sup>241</sup> IBIDEM.

janeiro de 1843 escrevia a Klingemann: «todos os dias mais não posso fazer do que agradecer a Deus de joelhos por todos os bens que me dá». Por conseguinte, uma fé sólida, convicta, alimentada de maneira profunda pela Sagrada Escritura, como mostram, entre outros, os dois Oratórios *Paulus* e *Elias*, e a Sinfonia, (...) cheia de referências bíblicas sobretudo aos Salmos e a São Paulo.»<sup>242</sup>

9. Bento XVI enaltece a atitude do compositor *Franz Liszt*<sup>243</sup> que lembra que a composição das músicas tem que ser acompanhada de uma forte intimidade com o Senhor, isto é, de uma atitude de oração. A música litúrgica reza-se antes de se escrever em pautas. A música litúrgica que é rezada surte mais efeito na vida e no interior de quem a escuta. A fé é importante na construção da arte.

Vejamos as breves palavras, do Papa, acerca do compositor:

“Sobre o belíssimo Salmo XIII que “Remonta aos anos em que Liszt permaneceu em Tívoli e em Roma; trata-se do período em que o compositor vive de modo intenso a sua fé, a ponto de produzir quase exclusivamente música sacra; recordemos que ele recebeu as ordens menores. O trecho que ouvimos deu-nos a ideia da qualidade e da profundidade desta fé. É um Salmo em que o orante se encontra em dificuldade, dado que o inimigo o circunda, assedia, e Deus parece ausente, parece tê-lo esquecido. E a oração torna-se angustiada diante desta situação de abandono: «Até quando, Senhor?», repete quatro vezes o Salmista. «*Herr, wie lange?*», repetem de modo quase martelante o tenor e o coro na composição que ouvimos: é o clamor do homem e da humanidade, que sentem o peso do mal existente no mundo; e a música de Liszt transmitiu-nos este sentido de peso, de angústia. Mas Deus não abandona. Sabe isto o Salmista, e também Liszt, como homem de fé. Da angústia nasce uma súplica repleta de confiança, que termina na alegria: «Exultará o meu coração na tua salvação... cantarei ao Senhor, que me abençoou».(...) A propósito da sua Missa *Solemnis*, Liszt escrevia: «Posso dizer verdadeiramente que rezei esta Missa mais de quanto a compus». Penso que podemos dizer a mesma coisa sobre este Salmo: o grande músico húngaro rezou-o mais do que o compôs, ou melhor, rezou-o antes de o compor.»<sup>244</sup>

---

<sup>242</sup> IBIDEM, 6-7.

<sup>243</sup> Um dos maiores pianistas de todos os tempos e um compositor genial, nasceu a 22 de outubro de 1811 em Raiding, Áustria e faleceu a 31 de julho de 1886 em Bayreuth, Alemanha.

<sup>244</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da Hungria, 11.

10. Bento XVI, depois de ter ouvido as magníficas músicas de *Giuseppe Verdi*<sup>245</sup>, compositor italiano, disse: “A música torna-se essencial, quase se «agarra» às palavras para expressar do modo mais intenso possível o seu conteúdo, numa vasta gama de sentimentos.”<sup>246</sup>

Uma das mais famosas obras musicais de Giuseppe Verdi é a *Missa de Requiem*, à qual o Papa tece um longo comentário:

“Ele compô-la em 1873, para a morte de Alessandro Manzoni, que admirava e quase venerava. Numa carta é perguntado: «Que vos poderia dizer de Manzoni? Como explicar-vos a sensação dulcíssima, indefinível, nova, produzida em mim na presença daquele Santo, como o chamais?». Na mente do grande Compositor, esta obra devia ser o ápice e o momento final da sua produção musical: não era só a homenagem ao grande escritor, mas também a resposta a uma exigência artística, interior e espiritual, que o confronto com a estatura humana e cristã de Manzoni tinha suscitado nele.”<sup>247</sup>

“Giuseppe Verdi dedicou-se a perscrutar o coração do homem; nas suas obras ressaltou o drama da condição humana: com a música, as histórias representadas, as várias personagens. O seu teatro está cheio de infelizes, de perseguidos, de vítimas. Em muitas páginas da *Missa de Réquiem* ressoa esta visão trágica dos destinos humanos: aqui tocamos a realidade inevitável da morte e a questão fundamental do mundo transcendente, e Verdi, livre dos elementos do cenário, representa, unicamente com as palavras da Liturgia católica e com a música, a gama dos sentimentos humanos perante o fim da vida: a angústia do homem em relação com a sua natureza frágil, o sentido de rebelião diante da morte, o temor diante do limiar da eternidade. Esta música convida a refletir sobre as realidades últimas, com todos os estados de ânimo do coração humano, numa série de contrastes de formas, tons, aspetos, nos quais se alternam momentos dramáticos e momentos melódicos, marcados por esperança.”<sup>248</sup>

“Giuseppe Verdi que, numa famosa carta ao editor Ricordi, se definia «um pouco ateu», escreve esta *Missa*, que nos parece como um grande apelo ao Pai Eterno, na tentativa de superar o brado do desespero diante da morte, para reencontrar o anseio de vida que se torna silenciosa e oração urgente: «*Libera me, Domine*». O *Réquiem* de Verdi abre-se, de facto, com uma frase em La menor, que parece quase descer ao silêncio (...) e conclui-se com a invocação submissa ao Senhor «*Libera me*». Esta catedral musical

---

<sup>245</sup> Nasceu no mês de outubro de 1813 em Roncole Verdi, Itália e faleceu no dia 27 de janeiro de 1901 em Milão, Itália.

<sup>246</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto em sua homenagem, 10.

<sup>247</sup> IDEM, Discurso no final do concerto «Missa de Réquiem», 11.

<sup>248</sup> IBIDEM.

revela-se como descrição do drama espiritual do homem diante de Deus Omnipotente, do homem que não pode iludir o eterno interrogativo sobre a própria existência.”<sup>249</sup>

“Depois da *Missa de Réquiem*, Verdi vive uma espécie de segunda «estação compositiva», que se concluirá de novo com música religiosa, os «*Pezzi Sacri*»: um sinal da sua preocupação espiritual, um sinal do seu anseio por Deus está inscrito no coração do ser humano, porque a nossa esperança repousa no Senhor. «*Qui Mariam absolvisti, et latronem exausdisti, nihi quoque spem dedisti*», ouvimos: «Tu que perdoaste Maria (madalena) e satisfizeste o bom ladrão, também a mim deste esperança».”<sup>250</sup>

O *Te Deum* é também uma das obras queridas por Verdi, “aliás, teria desejado ser sepultado com a partitura do *Te Deum*.”<sup>251</sup>

No entanto à que dizer que “é uma sequência de contrastes, mas a atenção de Verdi ao texto sagrado é minuciosa, a ponto de oferecer uma sua leitura diferente da tradição. Ele não vê tanto o canto das vitórias ou das coroações mas, como escreve, uma sequência de situações: a exultação inicial — «*Te Deum*», «*Sanctus*» — a contemplação do Cristo encarnado que liberta e abre o Reino dos Céus, a invocação ao «*Judex venturus*», para que tenha misericórdia, e finalmente o brado, (...) «*In te, Domine speravi*» com que se encerra a obra, quase como um pedido do próprio Verdi para ter esperança e luz na última fase da vida (cf. Giuseppe Verdi, Carta a Giovanni Tebaldini, 1 de março de 1896).”<sup>252</sup>

Numa homenagem a Verdi, pelos duzentos anos do seu nascimento, sua Santidade proferiu: “Nas suas obras impressiona sempre como ele soube capturar e traçar musicalmente as situações da vida, sobretudo os dramas do espírito humano, de modo tão imediato, incisivo e essencial, como raramente se encontra no panorama musical.”<sup>253</sup>

A música também possui tais características que com ela se consegue produzir os acontecimentos e situações da vida por causa da sua expressividade.

---

<sup>249</sup> IBIDEM.

<sup>250</sup> IBIDEM.

<sup>251</sup> IDEM, Discurso no final do concerto em sua homenagem, 10.

<sup>252</sup> IBIDEM.

<sup>253</sup> IDEM, Discurso no concerto por ocasião do octogésimo quarto aniversário dos Pactos Lateranenses, 16.

“Enfrentando o tema do destino, Verdi confronta-se diretamente com o tema religioso, confronta-se com Deus, com a fé, com a Igreja; e sobressaem mais uma vez o espírito deste músico, a sua inquietação e a sua busca religiosa.”<sup>254</sup>

11. A música de *Anton Bruckner*<sup>255</sup> também é maravilhosa, diz o Papa. O próprio compositor “colocava no início da IX Sinfonia as palavras: «Dedicado ao bom Deus».”<sup>256</sup>

Depois de ter ouvido a *sexta* Sinfonia num concerto, exprime o seu pensamento:

“Na *sexta* sinfonia traduz-se a fé do seu autor, capaz de transmitir com as suas composições uma visão religiosa da vida e da história. Haurindo do barroco austríaco e da tradição schubertiana do canto popular, poderíamos dizer que Anton Bruckner levou às extremas consequências o processo romântico de interiorização. Ouvindo esta célebre composição na Basílica dedicada a São Paulo, é espontâneo pensar numa passagem da Primeira Carta aos Coríntios onde o Apóstolo, depois de ter falado da diversidade e da unidade dos carismas, compara a Igreja com o corpo humano, composto por membros muito diferentes entre si, mas todos indispensáveis para o bom funcionamento do mesmo (cf. cap. 12). De igual modo, a orquestra e o coro são constituídos por diferentes instrumentos e vozes que, em sintonia recíproca, oferecem uma melodia harmoniosa, agradável ao ouvido e ao espírito.”<sup>257</sup>

“O sinfonismo bruckneriano afasta-se do modelo clássico, o seu discurso musical desenvolve-se em grandes blocos paralelos, secções elaboradas e complexas não delimitadas de maneira clara, mas muitas vezes separadas por simples episódios de ligação, e também de pausa. Ouvir a sua música é quase como encontrar-se no interior de uma grande catedral, observando as enormes estruturas que sustentam da sua arquitetura, que nos envolvem, nos elevam e suscitam emoção. Há contudo um aspeto que está na base da produção de Bruckner, quer sinfónica quer sacra: a sua fé, simples, sólida e genuína, conservada por toda a vida, tanto é verdade que quis ser sepultado na igreja da Abadia de Sankt Florian, na cripta, sob o imponente órgão, que tinha tocado muitas vezes.”<sup>258</sup>

---

<sup>254</sup> IBIDEM.

<sup>255</sup> Nasceu no dia 4 de setembro de 1824 em Ansfelden, Áustria e faleceu a 11 de outubro de 1896 em Viena, Áustria. Quando neste dia faleceu, “... ainda estava a escrever a *nona sinfonia*, iniciada quase 10 anos antes.” BENTO XVI, Discurso no final do concerto em sua honra, 4.

<sup>256</sup> BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, 35.

<sup>257</sup> IBIDEM, 71-72.

<sup>258</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto em sua honra, 4.

Depois do grande comentário que Bento XVI oferece da sua música, transmite o desejo do músico, para nos interpelar às realidades eternas:

“Bruckner pedia ao bom Deus para poder entrar no seu mistério, para poder ascender às suas alturas, para poder louvar no céu o Senhor como tinha feito na terra com a sua música. «*Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur*»: esta obra grandiosa, (...) escrita de lance e reelaborada ao longo de quinze anos, quase a reconsiderar como agradecer e louvar melhor a Deus, sintetiza a fé deste grande músico, repetida na grande dupla fuga final: «*In te, Domine speravi: non confundar in aeternum*».”<sup>259</sup>

12. A obra musical de *Arvo Part*<sup>260</sup>, para Bento XVI, “quer dar voz a outra realidade, que não pertence ao mundo natural: dá voz ao testemunho da fé em Cristo que, numa palavra, se diz «martírio».”<sup>261</sup> É apenas este pequeno comentário que o Papa tece acerca deste compositor, que apenas o escutou uma vez num concerto.

---

<sup>259</sup> IBIDEM.

<sup>260</sup> Nasceu no dia 11 de setembro de 1935 em Paide, Estónia e viveu 78 anos.

<sup>261</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto na Sala Paulo VI, 16.

## Conclusão

O ser humano recebe o dom de folhear o livro das promessas de Deus, aquelas que estão contidas na natureza e que pela agilidade humana é possível traduzir em beleza. Na verdade, a missão do Homem é exprimir, através do testemunho e também da arte, a imagem bela do seu Criador belo.

Com esta premissa, abordar o tema da música ao serviço da fé implica fazer interagir música e fé. Assim compreendemos que a música litúrgica nasce da fé e é na criação que ela se expressa, porque tem origem no Criador.

É notório que nestas páginas avultam três termos: liturgia, música e fé. São três referentes que se articulam, devido ao facto de a música estar inserida na Liturgia e tendo em conta que a Liturgia é a escola da fé. Assim também, a música litúrgica provém da fé, está ao serviço da fé e alimenta a fé: “A Liturgia é a fé da Igreja em ato.”<sup>262</sup> E também é “«ação» do «Cristo total»”.<sup>263</sup>

Joseph Ratzinger ficou entusiasmado pela quase total unanimidade dos padres conciliares na votação do primeiro capítulo da *Sacrosanctum Concilium*. A partir deste acontecimento, Ratzinger escrevia com mais vigor a favor das novas propostas litúrgicas. Para ele, “a aprovação da Constituição sobre a sagrada Liturgia supôs um acontecimento transcendental, já que esta é «o centro da Igreja e, portanto, o autêntico ponto de partida de toda a renovação»”.<sup>264</sup>

No primeiro capítulo apresentei o pensamento de Joseph Ratzinger, destacando a importância que a música foi ganhando ao longo da sua vida. A música e a liturgia sempre estabeleceram uma relação cordial. Desta forma poderemos dizer que a música quebra as barreiras da distinção e restabelece laços de aproximação; por isso, unimos a Igreja peregrinante à Igreja triunfante celebrando a liturgia do alto.

---

<sup>262</sup> J. M. CORDEIRO, *Corações ao alto, Introdução à Liturgia da Igreja*, 9.

<sup>263</sup> CaIC, 1136.

<sup>264</sup> P. BLANCO SARTO, *Benedicto XVI, El Papa Alemán*, 164.

A Sagrada Escritura apresenta referências e orientações acerca da música. A música deve fazer vibrar nos nossos lábios (e instrumentos) a Palavra de Deus, de modo que nas celebrações litúrgicas seja essa Palavra a imperar. Por isso, nem toda a música serve na e para a liturgia, isto é, a música litúrgica está sempre ao serviço da Palavra que se exprime musicalmente.

A música litúrgica é uma consequência da realidade e da dinâmica da encarnação da Palavra; ela é referente ao *Logos* em três sentidos: à palavra, ao Espírito e à dimensão cósmica. Sem descuidar a reflexão sobre a relação entre música e *Logos*, é notório que a música transporta o Homem, em si mesmo, para lá de si próprio.

Comprendemos que a música litúrgica “assenta num conceito muito preciso de liturgia, um conceito que vai muito para além de uma dimensão meramente sociológica de celebração comunitária que, segundo ele, informa muitas das ideias sobre a liturgia no pós-Concílio.”<sup>265</sup>

Para Joseph Ratzinger a Liturgia apresenta três dimensões: o Cosmos, a História e o Mistério.<sup>266</sup> Sumariamente, a Liturgia engloba todo o universo e desenrola-se na história. Este processo longo e continuado dá-lhe sentido. Por fim, a dimensão de mistério destina-se a ser vivida e não a ser explicada. A própria Liturgia fala por si.

No segundo capítulo, abordei sistematicamente o pensamento sobre a música, ao longo do Pontificado de Bento XVI, observando atentamente os escritos, discursos e reflexões que dedicou a esta arte tão nobre, que é a linguagem universal que traduz a beleza.

Bento XVI aprecia a boa música, aquela que possui as três dimensões: a santidade, a arte verdadeira e a universal. É através desta música, que propende para o Verdadeiro, que entramos em oração. A vida humana deve ser oração, na medida em que a música é harmonia.

---

<sup>265</sup> J. BARBOSA, *Bento XVI e a Música Sacra*, in NRMS, 152, 1.

<sup>266</sup> Cf. IBIDEM, 2.

“A liturgia terrena não é mais que a possibilidade de entrarmos na liturgia celeste, ação contínua daqueles que louvam a Deus.”<sup>267</sup> Como sabemos, “a Liturgia é a Igreja em oração”.<sup>268</sup>

Colocar-nos em oração (diálogo) é próprio da verdadeira música, porque faz vibrar as cordas do coração e ajuda o Homem a dirigir-se a Deus. “A música pode tornar-se oração”.<sup>269</sup>

Ela é também encontro e conhecimento, desperta a nossa letargia e conduz-nos a harmonizar culturas diferentes; é motivo forte de evangelização e conversão como sucedeu a Paul Claudel.<sup>270</sup>

Com a música somos convidados a orar, a meditar e a contemplar. E, circunstancialmente, a música é expressão da fé pela gratidão das obras que Deus opera em nós; é o *Magnificat* que Maria pronuncia.

A música insere-se na “*via pulchritudinis*”, no caminho da beleza e aponta para a Verdade (Cf. Jo 14, 6) que é a Beleza divina. Desta forma, a música é “ascensor” para Deus. É caminho ascendente para a Beleza. Para o Papa: “o critério fundamental para a liturgia é a sua orientação para Deus, para poder assim participar na sua própria obra”.<sup>271</sup> Deste modo, como a música faz parte integrante da liturgia orienta-nos para Deus.

Bento XVI refere-se a Santo Ambrósio e a Santo Agostinho e a alguns compositores de música erudita, católicos e protestantes, e afirma que aquela música brotou do coração e da fé; ora, se provém da fé só ao abraço da fé nos pode impelir. Privilegia o canto gregoriano e a grande polifonia; atendendo a todas as condicionantes, deve ser essa música a fazer-se ouvir nas celebrações.

A música, a verdadeira, nasce da inspiração da fé como dom gratuito de Deus e ajuda o Homem a elevar-se até Ele. A música cria condições favoráveis a que isso aconteça, porque

---

<sup>267</sup> IBIDEM, 1.

<sup>268</sup> J. M. CORDEIRO, *Corações ao alto. Introdução à Liturgia da Igreja*, 15.

<sup>269</sup> J. RODRIGUES, *Bento XVI*, 15.

<sup>270</sup> Cf. BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci, 8.

<sup>271</sup> Cf. IDEM, Audiência Geral – o Papa falou sobre o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II, 3.

vem de Deus e só a Deus pode elevar. Como afirma o Papa emérito: “não podemos aceitar que o sal se torne insípido e a luz fique escondida (cf. Mt 5, 13-16)”. Diria também que, da mesma forma, não podemos deixar que o som da fé deixe de vibrar o tecido do nosso coração e da mente.

O tesouro da cultura cristã nasce da fé, nasce sobretudo do encontro com Cristo. A fé permanece viva ao longo das gerações; também este depósito cultural, que brota da fé, permanece vivo e presente.

Podemos dizer que a música opera em dois sentidos: glorifica o Criador e ajuda o Homem na descoberta do Amor; por isso, é “ascensor” para Deus, um instrumento que por seu turno nos permite contemplar. Portanto, só O podemos contemplar se nos elevarmos até Ele. “A música é capaz de abrir as mentes e os corações à dimensão do espírito e conduz as pessoas a levantar o olhar para o Alto, a abrir-se ao Bem e ao Belo absolutos, que têm a nascente última em Deus.”<sup>272</sup> A música serve a Deus e à Igreja.<sup>273</sup>

A música é assim auxílio no encontro entre o Homem e Deus, mas é também no encontro com os outros. É na relação que se obtém o conhecimento e é nesta que o amor é possível.

Através da beleza musical, o povo é convidado ao aprofundamento dos mistérios de Deus. Desta forma é possível crescer na santidade.

Bento XVI dirigiu-se muitas vezes e de muitos modos aos cantores e músicos, para agradecer a beleza do som que por meio deles se fazia ouvir. Agradecendo esse serviço precioso e indispensável na Igreja e para a Igreja, exortava-os a serem cada vez melhores nessa missão, porque através da música muitos se convertiam e abraçavam a fé.

Falar de e a Deus numa linguagem musical torna-se algo aliciante. Permite fazer caminho na compreensão de Deus, sem excluir a existência das pausas e dos bemóis nessa

---

<sup>272</sup> BENTO XVI, Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado, 3.

<sup>273</sup> Cf. CaIC, 1157.

descoberta. O encontro com Ele, mediante a música, tem de ultrapassar a realidade sensorial e ir mais além da tonalidade do nosso ser.

Este estudo permite apresentar o pensamento de um Papa que aponta um caminho coerente e que insere a música como uma forma de pastoral na vivência da fé. A música de qualidade pode estar ao serviço da Palavra, para celebrar Deus e não simplesmente a pessoa humana; por isso a música é a acentuação da força da Palavra, que ajuda os humanos a incarna-la, através da sua sonoridade e expressão.

## Bibliografia

### A. FONTES PRINCIPAIS

#### 1. JOSEPH RATZINGER

RATZINGER, Joseph, *A minha vida*, Livros do Brasil, Lisboa, 2005.

RATZINGER, Joseph, *Dios y el Mundo. Creer y vivir en nuestra época*, Galaxia Gutenberg-Círculo de Lectores, Barcelona, 2002.

RATZINGER, Joseph, *Diálogos sobre a fé, apresentados por Vittorio Messori*, Verbo, Lisboa, 2005.

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo. Preleções sobre o «Símbolo Apostólico»*, Principia, Cascais, 2011.

RATZINGER, Joseph, *Introdução ao espírito da liturgia*, Paulinas, Prior Velho, 2011.

RATZINGER, Joseph, *La fiesta de la fe. Ensayo de Teología Litúrgica*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 2010.

RATZINGER, Joseph, *Liturgia e musica sacra. In Christus in Ecclesia cantat*, Roma, 1986.

RATZINGER, Joseph, *Un canto nuevo para el Señor, Sígueme*, Salamanca, 2005.

RATZINGER, Joseph, «Liturgia e Música Sacra», in *NOVA REVISTA DE MÚSICA SACRA*, 38, (1986) 3-4.

RATZINGER, Joseph, «Liturgia e Música Sacra», in *NOVA REVISTA DE MÚSICA SACRA*, 39, (1986) 1-5.

RATZINGER, Joseph “Discurso que o Decano do Colégio Cardinalício dirigiu ao Papa João Paulo II, em nome de todos os presentes (17-10-2003)”, in *L'Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 43 (25-10-2003) 27 e 31.

## 2. BENTO XVI

### a. Livros

BENEDETTO XVI, *La Musica. Un'arte familiare al Logos*, San Paolo, 2009.

BENEDETTO XVI, *Lodate Dio con arte*, Marcianum Press, Venezia, 2010.

BENEDETTO XVI, *Sulla Musica*, Marcianum Press, Venezia, 2013.

BENEDICTO XVI, *Los Padres de la Iglesia. De Clemente de Roma a san Agustín*, Ciudad Nueva, Madrid, 2008.

BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis, Sacramentum Caritatis*, In AAS 99 (2007) 105-180.

BENEDICTUS PP. XVI, *Adhortatio Apostolica Postsynodalis, Verbum Domini*, In AAS 102 (2010) 681-787.

BENEDICTUS PP. XVI, *Litterae Encyclicae, Caritas in Veritate*, In AAS 101 (2009) 641-709.

BENEDICTUS PP. XVI, *PORTA FIDEI*, In AAS 103 (2011) 723-734.

BENTO XVI, *A Alegria da Fé*, Paulinas, Prior Velho, 2012.

BENTO XVI, *A oração*, Paulus, Lisboa, 2013.

BENTO XVI, *Padres e Doutores*, Paulus, Lisboa, 2012.

## b. Discursos

BENTO XVI, “Discurso no fim do concerto oferecido em sua honra na Sala Paulo VI (20-10-2005)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 44 (29-10-2005) 3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto realizado na Capela Sistina (22-10-2005)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 44 (29-10-2005) 3.

BENTO XVI, “Discurso durante a apresentação da Capela Musical Pontifícia «Sistina» (20-12-2005)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 53 (31-12-2005) 9.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto apresentado pela fundação «Domenico Bartolucci» (24-6-2006)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 26 (1-7-2006) 5.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto da cerimónia para a bênção do novo órgão da «Alte Kapelle» (13-7-2006)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 38 (23-7-2006) 10.

BENTO XVI, “Discurso no concerto do «Phiharmonia Quartett Berlin» oferecido pelo Presidente da República Federal da Alemanha (18-11-2006)”, in *L’Osservatore Romano*. Edição semanal em Português, 47 (25-11-2006) 9.

BENTO XVI, “Discurso no final da execução musical da «Radio-Sinfonieorchester» de Stuttgart (Alemanha) (16-4-2007)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 16 (21-4-2007) 4.

BENTO XVI, “Discurso aos professores e estudantes durante a visita ao Pontifício Instituto de Música Sacra (13-10-2007)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 42 (20-10-2007) 3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto da orquestra sinfónica e do coro da radio da Baviera (27-10-2007)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 44 (3-11-2007) 10.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no terceiro aniversário de Pontificado (24-4-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 18 (3-5-2008) 7.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pela orquestra Filarmónica Chinesa (7-5-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 19 (10-5-2008) 1e3.

BENTO XVI, “Audiência geral-catequese sobre Romano, o Melodista (21-5-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 21 (24-5-2008) 12.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto em sua honra (24-8-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 35 (30-8-2008) 3.

BENTO XVI, “Discurso no encontro com o mundo da cultura no collège des Bernardinis de Paris (12-9-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 38 (20-9-2008) 4-5.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto dos «Winer Philharmoniker» (13-10-2008)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 42 (18-10-2008) 30.

BENTO XVI, “Discurso no concerto oferecido pelo Presidente da República italiana (30-4-2009)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 19 (9-5-2009) 6.

BENTO XVI, “Discurso no concerto da Bayerischer Kammerorchester Bad Bruckenan (2-8-2009)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 32 (8-582009) 1e3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pela academia pianística de Imola (17-10-2009)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 43 (24-10-2009) 3.

BENTO XVI, “Discurso depois do concerto pelos sessenta anos da República Federal da Alemanha e os vinte anos da queda do Muro de Berlin (4-12-2009)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 50 (12-12-2009) 9.

BENTO XVI, “Discurso depois do concerto por ocasião da sua festa onomástica (19-3-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 13 (27-3-2010) 3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da República italiana no quinto aniversário do Pontificado (29-4-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 19 (8-5-2010) 3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo Patriarca Cirilo (20-5-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 21 (22-5-2010) 7.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pela Pontifícia Academia da Ciências (7-9-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 37 (11-9-2010) 5.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto na Sala Paulo VI (1-10-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 41 (9-9-2010) 16.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto «Missa de Réquiem» (16-10-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 43 (23-10-2010) 11.

BENTO XVI, “Discurso aos participantes no congresso da federação internacional dos «Pueri-Cantores» (30-10-2010)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 2 (8-1-2011) 10.

BENTO XVI, “Discurso após o concerto oferecido pelo Presidente da República italiana por ocasião do sexto aniversário de início do Pontificado (5-5-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 20 (14-5-2011) 6.

BENTO XVI, “Na catequese sobre a oração o Papa referiu-se ao episódio da luta no vau do Jaboc (25-5-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 22 (28-5-2011) 3e4.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo Presidente da Hungria (27-5-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 23 (4-6-2011) 11.

BENTO XVI, “Discurso após o concerto realizado em Castel Gandolfo (9-8-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 33 (13-8-2011) 3.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pelo cardeal Bartolucci (31-8-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 36 (3-9-2011) 8-9.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto em sua honra (22-10-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 44 (29-10-2011) 4.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto da orquestra sinfónica do Principado das Astúrias (26-11-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 49 (3-12-2011) 6.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto do encontro do Advento oferecido ao Papa pela Bayerischer Rundfunk (2-12-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 50 (10-12-2011) 11.

BENTO XVI, “Audiência geral – o Papa falou sobre o «pequeno Pentecostes» narrado nos Actos dos Apóstolos (18-4-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 16 (21-4-2012) 3-4.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pela Gewandhaus de Lipsia (20-4-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 17 (28-4-2012) 6-7.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto em homenagem (11-5-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 20 (19-5-2012) 10.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto no teatro alla Scala (1-6-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 23 (9-6-2012) 6.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto da West-Eastern Divan Orchestra (11-7-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 28 (14-7-2012) 12.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto oferecido pela Cáritas de Regensburg (11-8-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 34 (25-8-2012) 2.

BENTO XVI, “Discurso no final do concerto que lhe foi oferecido pela diocese de Wurzburg (23-9-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 39 (29-9-2012) 16.

BENTO XVI, “Audiência geral – o Papa falou sobre o primeiro documento aprovado pelo Concílio Vaticano II (26-9-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 39 (29-9-2012) 3.

BENTO XVI, “Discurso à associação italiana Santa Cecília (10-11-2012)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 46 (17-11-2012) 7.

BENTO XVI, “Discurso no concerto por ocasião do octogésimo quarto aniversário dos Pactos Lateranenses (4-2-2013)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 6 (10-2-2013) 16.

## B. OUTRAS OBRAS

AA.VV., *A Beleza da Liturgia. Propostas para celebrações dignas*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2012.

AA.VV., *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

AA.VV., *Enquirídio dos documentos da Reforma Litúrgica*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2014.

AA.VV., *La Musica en la Iglesia, de ayer a hoy*, Universidad Pontificia Salamanca, Salamanca, 1992.

AA.VV., *L'organo itinerari*, Istituto Portugese di Sant'Antonio, Roma, 2011.

AGOSTINHO DE HIPONA, *De Musica*, 1,2,2: PL 32, 1083.

BARBOSA, Jorge Alves, «Bento XVI e a Música Sacra», in *NOVA REVISTA DE MÚSICA SACRA*, 151, (2014) 1-4.

BARBOSA, Jorge Alves, «Bento XVI e a Música Sacra», in *NOVA REVISTA DE MÚSICA SACRA*, 152, (2014) 1-4.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Edições Paulinas, 1973.

BILINIEWICZ, Mariusz, *The liturgical vision of Pope Benedict XVI, a theological inquiry*, Peter Lang Publishers, Bern, 2013.

BLANCO SARTO, Pablo, *Benedicto XVI, El Papa Alemán*, Planeta, Barcelona, 2010.

BLANCO SARTO, Pablo, *La Teología de Joseph Ratzinger, Una Introducción*, Palavra, Madrid, 2011.

CONGREGATIO DE CULTU DIVINO ET DISCIPLINA SACRAMENTORUM, *De Liturgia Romana et Inculturatione*, in AAS 87 (1995) 288-314.

CORDEIRO, José Manuel Garcia, *Corações ao alto, Introdução à Liturgia da Igreja*, Paulus, Lisboa, 2014.

CORDEIRO, José Manuel Garcia, *Liturgia, a primeira escola da fé*, Paulus, Lisboa, 2012.

COUTO, António da Rocha, *Quando Ele nos abre as Escrituras, domingo após domingo*, Paulus, Lisboa, 2013.

GREGÓRIO MAGNO, *Homiliarum in Ezechielem prophetam*, 1,1,15: PL 76, 792-793.

MARTIMORT, Aimé Georges, *A Igreja em Oração, Introdução à Liturgia*, Ora & Labora, Desclée & Cie, Barcelos 1965.

MARTÍN, Julián López, *La liturgia de la Iglesia*, BAC, Madrid, 2009.

SACRA CONGREGATIO RITUUM, *Instructio de Musicam in Sacra Liturgia*, in AAS 59 (1967) 300-320.

PIQUÉ I COLLADO, Jordi-A., *Teologia e musica. Dialoghi di trascendenza*, San Paolo, Milano, 2013.

RODRIGUES, Jorge, *Bento XVI - Pela Música - Pela Oração*, Só, Lisboa, 2010.

RUTHERFORD, Janet, *Benedict XVI en beauty in Sacred Music*, Four Courts Press, Dublin, 2012.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constitutio de Sacra Liturgia*, in *AAS* 56 (1964) 97-138.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *Introdução Geral ao Missal Romano*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2009.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *Música Sacra nos documentos da Igreja*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2006.

SIMÕES, Manuel, *Liturgia e Vida*, Apostolado da Oração, Braga, 1988.

ZIELINSKI, MICHAEL J., “Reflexões sobre os escritos de Joseph Ratzinger (3-9-2011)”, in *L’Osservatore Romano*, Edição semanal em Português, 36 (3-9-2011) 9.

[www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc](http://www.sdplviseu.web.pt/TEMAS/LiturgiaemRatzinger.doc)